

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Curso de Jornalismo

GRANDE REPORTAGEM: SUPORTE A DISSEMINAÇÃO DO CONCEITO
EDUCOMUNICAÇÃO

Fabiana Pupio Silva
Ingrid Yuri Hentschel
Natália Mousinho Saloni

São José dos Campos - SP

2005

**GRANDE REPORTAGEM: SUPORTE A DISSEMINAÇÃO DO CONCEITO
EDUCOMUNICAÇÃO**

FABIANA PUPIO SILVA
INGRID YURI HENTSCHEL
NATÁLIA MOUSINHO SALONI

Relatório Final apresentado
como parte das exigências
da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso à Banca
Avaliadora da Faculdade de
Comunicação e Artes da
Universidade do Vale do
Paraíba.

ORIENTADOR: Prof^o. MSc. Fernando José Garcia Moreira

São José dos Campos - SP
2005

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
Curso de Jornalismo

TRABALHO DE GRADUAÇÃO
2005

Grande Reportagem: Suporte a disseminação do
conceito educomunicação

Aluno (s): Fabiana Pupio Silva
Ingrid Yuri Hentschel
Natália Mousinho Saloni

Orientador: Fernando José Garcia Moreira
Banca Examinadora: Vânia Braz de Oliveira
Mário José Moreira

Nota do Trabalho:.....(.....)

São José dos Campos - SP
2005

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da comunicação, aos meus pais por terem me oferecido a oportunidade de cursar uma faculdade, ao orientador deste projeto, professor Fernando, que nos guiou na preparação deste trabalho, e a todos os amigos e familiares que me apoiaram na conclusão deste curso.

Fabiana Pupio Silva

A Deus, meus pais, meus sogros, irmãos, familiares e amigos, pelo apoio, ao professor Fernando que nos orientou desde o começo deste projeto, a professora Vânia que sempre me apoiou nas questões burocráticas do curso, minha tia Érika, meus primos Thalita e Victor (por terem cuidado do meu filho enquanto fazia trabalhos e provas), professores e amigos da UniverCidade na qual iniciei este curso, meu filho Gabriel, pela paciência e pelos momentos perdidos para que eu pudesse concluir a faculdade, e principalmente meu marido Sérgio por proporcionar esta oportunidade, por ter me incentivado desde o início a escolher o jornalismo, por me apoiar e não me deixar desistir.

Ingrid Yuri Hentschel

Primeiramente, aos meus pais que dedicaram tempo e dinheiro para a minha formação. Aos meus familiares que me apoiaram durante estes quatro anos do curso de Jornalismo. Agradeço também, aos professores, em especial ao professor e orientador Fernando, por ter nos conduzido na elaboração deste trabalho. Por fim, agradeço a Deus pelas oportunidades que me proporcionou para aquisição de conhecimentos que, com certeza, levarei para o resto de minha vida.

Natália Mousinho Saloni

Agradecemos ao professor Ismar de Oliveira Soares que nos incentivou no desenvolvimento desse tema. A coordenadora do curso de Jornalismo, prof. Vânia, que nos apoiou ao longo destes quatro anos de estudo e a todos os professores da Faculdade de Comunicação e Artes por todo o rico conhecimento a nós transmitido.

Fabiana Pupio Silva, Ingrid Yuri Hentschel e Natália Mousinho Saloni

DEDICATÓRIAS

Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus irmãos, à minha afilhada Isabela (que me fez rir nos momentos de dificuldades) e todos os amigos que me incentivaram nesta etapa da minha vida.

Fabiana Pupio Silva

Dedico este trabalho especialmente ao meu marido, meu filho Gabriel, que me inspiraram, foram pacientes, compreensivos e me apoiaram nos momentos difíceis. E a duas pessoas especiais que me acompanharam neste projeto, minhas amigas Natália e Fabiana.

Ingrid Yuri Hentschel

Dedico este trabalho à minha mãe, Marina de Paula Mousinho Saloni, pelo apoio nas horas de desespero e aflição. A minha irmã Cecília, aos meus familiares, amigos e ao meu namorado pelo incentivo e compreensão.

Natália Mousinho Saloni

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I – EDUCOMUNICAÇÃO	10
1.1 - O Conceito	10
1.2 - Educomunicação no Brasil	11
Capítulo II – O EDUCOMUNICADOR	13
2.1 - O que é o Educomunicador	13
2.2 - As funções do Educomunicador	13
Capítulo III - OBJETO DE ESTUDO	15
3.1 - Fundhas	15
3.2 - Rádio Mais	15
Capítulo IV – METODOLOGIA	19
4.1 - Levantamento	20
Capítulo V – A GRANDE REPORTAGEM	22
5.1 - A Grande Reportagem sobre Educomunicação	25
VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
VII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXOS	31

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os conteúdos teóricos que propiciaram a conceitualização do termo e do campo acadêmico da Educomunicação na América Latina, com destaque aos estudos do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares. A partir deste estudo, o trabalho visou desenvolver uma Grande Reportagem que fornecesse, para educadores e comunicadores, uma melhor compreensão sobre o assunto. A grande reportagem sobre Educomunicação abordou o conceito, o perfil do educador, atividades educacionais, novas tecnologias, indicação de fontes e entrevistas com pessoas que trabalham na prática com atividades educacionais e com crianças que participam destes projetos. Além disto, ela expôs a prática de alguns projetos educacionais como: a Rádio Mais e a Univap TV, existentes no Vale do Paraíba.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como função realizar um material informativo referente ao conceito e as atividades relacionadas a Educomunicação, assim entendida como o conjunto das ações que aproximam a comunicação da educação com o intuito de criar e fortalecer ecossistemas comunicativos e promover a prática da cidadania.

Há uma carência de conhecimento do conceito perante os educadores de São José dos Campos, sendo de grande importância a realização de uma reportagem explorando o termo e relevantes projetos relacionados a essa área.

O presente trabalho vem a informar, a abordar o surgimento e a prática da Educomunicação para, assim, disseminar e estimular o conhecimento e o estudo deste conceito.

O capítulo 1 consiste em explicações a respeito do conceito Educomunicação, criado em 1999. Aborda-se a definição do conceito, as aplicações de projetos educacionais e um breve histórico sobre a Educomunicação no Brasil.

Em seguida, no capítulo 2, é discutido o papel do Educomunicador. Traça-se um perfil desse profissional emergente e expõe suas funções.

A fim de exemplificar e caracterizar a Educomunicação, definiu-se como objeto de estudo o Projeto Rádio Mais da Fundhas (Fundação Hélio Augusto de Souza), considerado o maior projeto social de São José dos Campos.

No capítulo 3 apresenta-se o histórico do Rádio Mais, que existe há três anos e têm apoio do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, criador do termo Educomunicação.

No 4º capítulo apresentaremos a metodologia utilizada e uma pesquisa levantamento realizada junto a alunos do 3º ano do Curso Normal Superior da Universidade do Vale do Paraíba, em São José dos Campos, a fim de apresentar dados referentes ao conhecimento do conceito Educomunicação.

A modalidade utilizada para disseminar o conceito de Educomunicação é a Grande Reportagem. Ela poderá ser publicada como encarte (em jornal ou revista), ou como reportagem especial de uma revista. No último capítulo apresenta-se as características da modalidade Grande Reportagem, assim como

as etapas de produção para a elaboração da Grande Reportagem sobre Educomunicação.

Capítulo I – EDUCOMUNICAÇÃO

1.1 - O Conceito

O conceito de Educomunicação vêm sendo entendido como

“o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância ou “e-learning” e outros...” (Soares apud Baccega, 2002, p. 115).

O termo, historicamente, surge como uma tentativa de estudar e renomear as práticas que ocorrem no âmbito da inter-relação Comunicação e Educação. É uma reflexão dos meios de comunicação em sua relação com a sociedade e também um pensar sobre os espaços educativos envolto a esses meios. A partir destes objetivos, educadores e comunicadores sugerem experiências que visam estimular a reflexão e a crítica sobre as mensagens midiáticas.

O conceito de Educomunicação foi definido e adotado, em 1999, como parâmetro ou como referência paradigmática durante o Fórum Mídia e Educação, promovido pelo Ministério da Educação, em São Paulo. Este documento registrou a seguinte informação:

“O desenvolvimento tecnológico criou novos campos de atuação e espaços de convergência de saberes...nesse sentido, reconhecemos a inter-relação entre Comunicação e Educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a educação” (Baccega, 2001, p. 114; Soares, 2003, p.35; MEC, 2000, p. 31).

1.2 - Educomunicação no Brasil

O termo, hoje já estruturado, teve sua definição construída, no Brasil, devido há várias influências. Destaca-se os autores latino-americanos, Paulo Freire (Brasil), Mario Kaplún (Uruguai), Jesús Martín Barbero (Colômbia), Daniel Pretto (Argentina) e Francisco Gutierrez (Costa Rica).

Para Moacir Gadotti, "...o que efetivamente caracterizou o pensamento freiriano foi ter intuído que a educação é essencialmente um processo comunicativo..." (Gadotti apud Soares, 2004). A obra significativa mais antiga de Freire é "Comunicação ou Extensão?". Nela, o autor evidencia a importância da comunicação no processo de conhecimento.

Mário Kaplún, pioneiro no estudo da inter-relação na América Latina, e outros autores também publicaram obras e trabalhos que abordavam a inter-relação comunicação e educação e o compromisso social dos educadores.

Por influências de Kaplún e diversos autores, Martín Barbero (2002) analisa as questões dessa relação educação/comunicação e descreve que a escola deve pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios e mais nos ecossistemas comunicativos, que são formados pelo conjunto de linguagens, escritas e representações, narrativas que alteram a percepção, com isso, explica que a comunicação deve fazer parte do ambiente escolar, e mais do que isso ser uma peça central deste contexto.

Depois de ter realizado pesquisas sobre os diversos estudos e vertentes relacionadas a inter-relação Comunicação/Educomunicação, Ismar de Oliveira Soares, professor ECA/USP e coordenador do NCE – Núcleo de Comunicação e Educação (ECA/USP), propôs uma nova maneira de conceituar a ligação entre comunicação e educação, enfim, a educomunicação.

Atualmente Ismar, o NCE e estudiosos (educadores e comunicadores) utilizam o termo educomunicação para

“designar uma área de atuação mais abrangente, no espaço da cultura, incluindo, especialmente, a forma como se promove a gestão da comunicação. Entende-se gestão, como um processo aberto e participativo de tomada de decisões

sobre o uso dos recursos e das tecnologias da informação, objetivando dar mais poder ao cidadão comum, capacitando-o a expressar-se de forma cada vez mais coerente com seus desejos e necessidades, dando-lhe condição de produzir cultura e expressar seus valores” (Soares, 2003, p.22).

A área profissional da Educomunicação “reúne especialistas voltados para o estudo das mediações entre comunicação, educação e cultura. Tem como meta ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas e está presente nos mais diversos setores da sociedade, incluindo a mídia, a escola, os centros culturais e as organizações não governamentais” (Soares, 2003, p.21).

Capítulo II – O EDUCOMUNICADOR

2.1 - O que é o Educomunicador

O profissional que atua tanto no campo da Educação quanto no da Comunicação, que coordena ações e gestões de processos, assessora os educadores no adequado uso dos recursos da comunicação ou promove, ele próprio, quando lhe cabe a tarefa, o emprego cada vez mais intenso das tecnologias, como instrumento de expressão dos cidadãos envolvidos no processo educativo; implementa programas de “educação pelos e para os meios” e refleti sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam um maior esclarecimento sobre as demandas da sociedade em tudo o que diga respeito à inter-relação Comunicação / Educação é denominado um Educomunicador. (SOARES, 2000).

O Educomunicador é definido com o “o novo profissional que atua ao mesmo tempo no campo da Educação e da Comunicação, motivado pela formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos em seu meio social”. (Baccega, 2002, p. 114).

2.2 - As funções do Educomunicador

Segundo Angela Schaun (2002), entre as principais funções desenvolvidas pelo educador, podem ser destacadas:

- elaborar diagnósticos no campo da inter-relação comunicação/educação, planejando, executando e avaliando processos comunicacionais;
- construir uma visão de conjunto de processos da educação, conhecimentos técnicos específicos que se aplicam tanto a macrossistemas - globalização, mundialização – quanto a espaços reduzidos de atividades humanas – cultura local;
- refletir sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam um maior esclarecimento sobre as demandas da sociedade/comunidade no que concerne à inter-relação comunicação/educação;
- coordenar ações e gestões de processos, traduzindo-os em políticas públicas;

- implementar programas de “educação para os meios”, considerando os estudos de recepção e as práticas desenvolvidas nos vários países que mantêm experiências avaliadas a respeito do tema;
- assessorar os educadores no uso adequado dos recursos da comunicação, promovendo o emprego, cada vez mais intenso, das novas tecnologias e das diversas linguagens artísticas, como métodos e instrumentos didáticos envolvidos no processo educativo (Soares apud Schaun, 2002, p. 98).

Para Ismar, esse novo profissional teria campos de atuação. Um deles seria aplicar atividades com intuito de introduzir a mídia – imprensa falada, escrita, televisionada etc., utilizada no dia-a-dia da sala de aula, de maneira didática para aplicação de conteúdos, para estimular a reflexão e trazer para o campo teórico as experiências do cotidiano. Um segundo campo seria capacitar o professor a utilizar tecnologias da comunicação (computador, câmera de vídeo, máquina fotográfica, gravador, fax etc.) para elaborar os seus próprios materiais pedagógicos a serem aplicados de maneira didática. E um terceiro campo de ação seria de estimular os alunos a trabalharem as mídias e as tecnologias da comunicação para produzir seus próprios veículos e desenvolver suas formas de expressão.

Além destes destacados, para Ismar o educador pode exercer inúmeras funções nos espaços educativos (SOARES, 2003).

Capítulo III - OBJETO DE ESTUDO

3.1 - Fundhas

A Fundhas é o maior projeto social de São José dos Campos e tem por objetivo básico a implantação e execução de programas de atendimento a crianças e adolescentes de baixa renda, prestando serviços gratuitos como: apoio educacional, alimentação, saúde e transporte, além de orientação pedagógica e encaminhamento profissional. A Fundhas auxilia também na luta contra a evasão escolar, pois para ser atendido pela entidade é preciso estar cursando o ensino regular nas escolas municipais ou estaduais.

A sede da fundação funciona no bairro Parque Industrial. São 9 mil metros quadrados de área construída, além de 21 unidades nos bairros menos favorecidos da cidade e atende mais de 6 mil crianças vítimas de maus-tratos ou abuso sexual e adolescentes em conflito com a lei.

Para participar de projetos na Fundhas é necessário passar por um processo de seleção em que se verifica a renda per capita da família e é necessário que a criança ou o adolescente estejam matriculados em uma escola e tenham regularidade na frequência às aulas.

3.2 - Rádio Mais

A Rádio Mais é parte do projeto Arte e Educação, que existe na Instituição há tempos, mas se consolidou há três anos com a capacitação dos profissionais que atuam nos projetos. Hoje, o projeto tem como objetivo subsidiar a ampliação do repertório cultural do adolescente atendido na Instituição e desta forma colaborar com a sua formação pessoal.

Este projeto dá aos adolescentes a possibilidade de ver o mundo por meio das diversas linguagens como a música, a dança, o teatro, as artes plásticas, a literatura e pelas mídias, no caso, o rádio e a TV e a possibilidade de refletir o contexto vivenciado por eles realizar uma releitura destas questões, mobilizando desta forma as competências essenciais à transformação social (crítica, cidadania, etc.).

iniciativa, autonomia, responsabilidade, respeito às diversidades e valorização da família, cultura, comunidade, credo).

Na Sede existem dois núcleos de trabalho: Expressão Corporal, onde o enfoque é a dança, e Comunicação, no qual a atividade de rádio está inserida.

A mídia no ambiente escolar propicia a formação de cidadãos críticos e conscientes de quem podem promover alguma transformação em sua escola, seu bairro, sua cidade, estado e até mesmo no país.

“A mídia inserida no projeto escolar no Brasil certamente é um grande desafio para além das possibilidades localizadas no processo educacional, o uso dos meios no ambiente escolar nos alenta no sentido de uma transformação positiva da sociedade, na busca de melhores condições políticas, sociais e econômicas. Certamente, o futuro da democracia dependerá da possibilidade que tenham os cidadãos de participar ativamente e com conhecimento dos diversos processos políticos, sociais, econômicos, e o rádio, enquanto meio de difusão dessas falas, nas comunidades, torna-se um elemento fundamental, convertendo-se em instrumento dinâmico e agente da transformação social” (Azevedo, 2005, s. p.)

O Projeto Rádio Mais foi idealizado pelo instrutor de Publicidade do Projeto Arte Educação Rogério Christóvão, que por meio do contato com a Universidade de São Paulo conheceu o Projeto Educom e verificou a possibilidade de expandir a metodologia no Arte Educação. A idéia inicial foi a criação de uma rádio interna educativa, em que a Fundhas disponibilizaria mais um meio de expressão aos adolescentes da Instituição.

Na fase de reformulação, procurou-se o conhecimento de outras experiências na área no Estado de São Paulo como: “Cala Boca Já Morreu”- SP e Rádio Félix em Potim. O projeto foi escrito e após deliberação da Presidência e Diretoria Especializada foi aprovado, passando então para a fase de captação de recursos.

O projeto foi efetivamente implantado em 2004 com a inauguração da Rádio Mais. Com um investimento de aproximadamente 15 mil reais, montou-se a estrutura necessária para a realização das atividades que se dividiu em equipes:

- Equipe de Redação / Reportagem;
- Equipe de Locução;
- Equipe de Relações Públicas;
- Equipe de Sonoplastia;
- Um Instrutor do Projeto Integração / Arte Educação.

A proposta do curso é oferecer embasamentos técnicos básicos de locução, sonoplastia, reportagem e relações públicas. Os grupos fazem um rodízio nas áreas para que todos os alunos vivenciem todas as funções oferecidas. A programação é feita pelos alunos - acompanhados de monitores - e é montada basicamente de entrevistas, música, entretenimento e reportagens especiais com temas sobre drogas, saúde e outros de interesse dos jovens. Os alunos possuem a liberdade para criar o que quiserem.

Os programas realizados são editados pelos próprios adolescentes e vão ao ar no horário de almoço, período da manhã e tarde, para que as turmas tenham acesso a programação.

Em entrevista realizada com a gestora do projeto na Sede, Fabiana de Oliveira, no dia 08 de novembro de 2005, ela explicou o motivo desse projeto ser considerado educacional e falou sobre o trabalho que desenvolve.

“Trabalhar com educação é extremamente recompensador, pois você propicia ao adolescente lidar com a mídia, questioná-la e propor novas maneiras de se comunicar, ou seja, cria novos ecossistemas educacionais, segundo Prof. Ismar de Oliveira Soares - USP. Tal prática possibilita preparar adolescentes com responsabilidade ética, compromisso, criticidade e acima de tudo com ação efetiva em sua comunidade. Não dá para desvincular trabalhar com a educação e estudá-la, ambas devem ser agregadas, principalmente porque lidamos com conceitos novos, tanto no campo acadêmico quanto no campo da Instituição Fundhas.

Estamos só no início e a idéia é a expansão, por isso estamos em capacitação com o Prof. Ismar de Oliveira Soares – NCE USP, que muito tem contribuído em nossa atuação”.

O projeto está em expansão e pretende-se aprofundar a metodologia (educomunicação) e intensificar os projetos da Instituição e a formação de adolescentes educadores. O projeto visa também à expansão interna da veiculação dos programas aos demais setores da Fundhas, a criação de comissão permanente de atuação na Rádio Mais, incluindo crianças, adolescentes e profissionais dos diversos Programas da Instituição.

Capítulo IV – METODOLOGIA

Inicialmente, para obtenção de informações para a elaboração do projeto houve a utilização da Pesquisa Bibliográfica. Essa Pesquisa serviu como base para primeira captação dos conteúdos sobre o tema e assuntos relacionados ao projeto. De acordo com Antonio Carlos Gil (1999) este tipo de pesquisa é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

A metodologia de pesquisa, Entrevista, foi de fundamental importância em todo o processo, para aquisição de informações e conteúdos de estudiosos e especialistas na área . A Entrevista por Pautas que, segundo o mesmo autor (GIL,1999), se guia por uma relação de pontos importantes que serão explorados no decorrer da entrevista, foi muito relevante para a obtenção de informações a respeito das atividades e projetos desenvolvidos por crianças, adolescentes da Fundhas.

A Entrevista Face-a-face, que o autor (GIL, 1999) designa ser a tradicional e que deve ser precedida com uma pergunta dicotômica, foi realizada para entrevistar o professor Ismar Soares de Oliveira que criou o termo Educomunicação. Além dele, especialistas e pessoas que apresentam contato com esta nova área de atuação foram entrevistadas com este tipo de pesquisa.

Para analisar o objeto de estudo, Projeto Rádio Mais da Fundhas, utilizou-se também o Método Observacional que, segundo o autor já citado (GIL, 1999), possibilita a observação sobre as atividades do dia-a-dia das pessoas e das atividades promovidas naquele ambiente.

Para comprovar a hipótese do trabalho e também obter dados relevantes sobre o público a que a Grande Reportagem é destinada realizou-se uma Pesquisa de Levantamento. No caso, um questionário foi aplicado para comprovar que a maioria dos educadores desconhecem o termo e o conceito da Educomunicação. O questionário foi usado porque de acordo com Antonio Carlos Gil (1999) é um roteiro formalizado destinado à coleta de informações.

4.1 - Levantamento

Realizou-se uma pesquisa do tipo Levantamento para comprovar a hipótese de que “a Educomunicação é uma área pouco divulgada pela mídia e desconhecida por alguns educadores”. Ela foi aplicada a 100 alunos do último ano do Curso Normal Superior da Universidade do Vale do Paraíba, Campus Aquarius, em São José dos Campos. Escolheu-se essa universidade por ser a maior do Vale do Paraíba e por receber alunos de várias cidades como Pindamonhangaba, Jacareí, Caçapava, Taubaté, Guaratinguetá, Caraguatatuba, entre outras.

Os alunos do Curso Normal Superior participam de estágios desde o início da faculdade, e, quando chegam ao 3º ano do curso (último), já atuam como professores em escolas públicas ou particulares. As entrevistas foram realizadas a partir de um questionário (Quadro 1) com questões fechadas.

Quadro 1: Modelo de questionário aplicado no curso Normal Superior na Universidade do Vale do Paraíba.

<p>1- Você sabe o que é Educomunicação</p> <p>() sim () não</p> <p>2- Se sabe, diga o que é.</p> <p>() Desenvolver atividades em sala de aula com o uso de tecnologias educacionais</p> <p>() Produzir material educativo</p> <p>() um novo conceito em desenvolvimento</p> <p>() outros : _____</p> <p>3- Acharia interessante ler uma reportagem para conhecer mais sobre Educomunicação?</p> <p>() Sim () Não</p>

Resultados obtidos nas questões:

Questão 1.

89% responderam que não sabem o que é Educomunicação e 11% responderam que sabem.

Questão 2.

Dos 11%,que responderam que sabiam na questão 1, todos responderam incorretamente a questão 2.

Questão 3.

Na questão 3, que abordou sobre o interesse pela reportagem, 100% dos entrevistados respondeu sim, que tem interesse em ler uma reportagem sobre o assunto.

Conclusão: todos os entrevistados desconhecem o tema.

Capítulo V – A GRANDE REPORTAGEM

Um dos precursores deste gênero, Joel Silveira, defende a idéia de que a grande reportagem surgiu, mais do que uma opção da imprensa, mas como uma válvula de escape à censura imposta pelo Estado Novo. O jornalista não podia falar sobre o assunto de interesse maior, que era a política, e por isso os jornais abriram espaço para a investigação de temas menos quentes.

Na definição de Amaral (1997, p. 133-135) “reportagem é a representação de um fato ou acontecimento enriquecida pela capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade, criatividade e narração fluente do autor”.

Na rotina da imprensa atual, em que as informações circulam com muita rapidez e dinamismo por meio da internet, uma reportagem bem elaborada e mais extensa precisa se justificar para ser lida. Seja pelo bom assunto, pela linguagem ou pelo visual.

Em “A Arte da Reportagem-Vol I” (Igor Fuser-org., 1996, s. p) o apresentador da obra, Eugênio Bucci, define:

“A reportagem, como a arte, tem a necessária pretensão de iluminar o significado, de apontar uma direção acima do caos dos eventos cotidianos”. (...) “o repórter deve entender o que tem a narrar. E, para entender, precisa sentir. Só então ele ordena o caos (e escreve, encadeando os fatos como são encadeadas as palavras). Porque o repórter sente, as reportagens emocionam. Porque ele entende, elas informam. (Informação, não custa repetir, é um dado que contém sentido para o leitor. Ou não será informação, mas apenas um dado a mais, perdido)”.

“A arte da reportagem é trazer à luz a informação que é notícia – aquela cujas repercussões tendem a alterar a expectativa dos fatos futuros...Vivemos um momento em que a imprensa proporciona uma gigantesca oferta

de dados, mas carece de informações; anda atulhada de opiniões, mas raquítica em visão de mundo; lista fatos e mais fatos, mas quase não tem reportagem. A reportagem só é arte (e bom jornalismo) quando foge da indiferença e traz, em sua narrativa, a pretensão de compreender o que se passa”, conclui.

Amaral (1997) relaciona os seguintes requisitos para a reportagem:

Capacidade intelectual, em que o profissional tem que explorar o tema, com a abordagem correta e esgotá-lo até os últimos limites;

Observação atenta – aí entra a bagagem intelectual e informações prévias sobre o assunto em debate, que servirão de auxílio ao repórter no discernimento da importância e relevâncias das informações adquiridas;

Sensibilidade – Inspiração do repórter: ou ele tem ou não tem a sensibilidade;

Criatividade – Independente da imaginação e técnica de narrativa do repórter, deve haver a preocupação com a verdade;.

Narração fluente – Transformar a informação bruta em reportagem por meio da narração fluente, ou seja, exposição dos fatos de forma atraente ao leitor.

Uma boa reportagem começa com uma boa idéia, faro jornalístico e uma visão diferente da já abordada por outros repórteres e veículos de comunicação. Depois da grande idéia, é necessário elaborar uma boa pauta, produzir um roteiro, definir os objetivos, pesquisar e checar as informações, sempre com a intenção de atingir o público, provocando alguma mudança nele, como afirma Faerman.

“O sacrifício se paga, por maior que seja, quando o jornalista vê seu texto publicado e gerando reações positivas na sociedade para melhorar as pessoas, as instituições, o país. Ser jornalista não é ganhar dinheiro. É mudar o mundo. É uma profissão para grandes mentes e grandes corações.”

Faerman (1998, p.147).

Ao falar de grande reportagem, não se pode esquecer da revista *Realidade* (1966-1976), que agregou um grupo de jornalistas de primeira linha, “A revista trouxe ao leitor um Brasil pouco discutido e conhecido. Abordou temas-tabu, a exemplo da reportagem "Sou padre e quero casar", veiculada na edição de setembro de 1966, e colaborou para expor o racismo brasileiro, como na reportagem "Existe preconceito de cor no Brasil", na edição de outubro de 1967. A revista abriu espaço para personagens controvertidos e contestatórios da rígida sociedade de então, como Leila Diniz. Na edição de abril de 1971, a eterna Leila enchia a capa de *Realidade* com um sorriso matreiro, em foto do não menos lendário David Drew Zingg, colaborador da revista”, lembra o estudante de Jornalismo da Universidade Tiradentes (SE) e editor do Balaio de Notícias o Paulo Lima, em artigo no Observatório da Imprensa (2004).

José Hamilton Ribeiro, ex-integrante da revista *Realidade*, tem uma fórmula para este gênero jornalístico no qual se consagrou:

$$\text{GR} = \frac{\text{BC} + \text{BF}}{(\text{T} \times \text{T})}$$

Grande Reportagem (**GR**) é igual a um Bom Começo (**BC**) mais Bom Final (**BF**), em cima de Trabalho (**T**) vezes Talento (**T**) elevados à enésima potência.

Ao redigir uma reportagem, existe sempre uma intenção do repórter, uma visão pela qual ele se guiou ao escrever, porém é preciso ter em mente e deixar livre ao leitor, a interpretação. Cada um tem um repertório de informações e crenças, por isso, cabe ao repórter promover um momento de reflexão ao leitor, para que cada um faça sua análise e julgamento sobre o fato.

5.1 - A Grande Reportagem sobre Educomunicação

A Grande Reportagem sobre Educomunicação visa ser informativa, conter uma linguagem acessível e leve para que o leitor faça uma boa leitura e consiga absorver todo o conteúdo a ser transmitido.

A matéria aborda inicialmente o conceito da educomunicação para explicar e situar o leitor sobre o assunto tratado no desenvolvimento da reportagem. Neste primeiro momento aborda-se também a figura do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, criador do termo Educomunicação.

No decorrer da reportagem foco maior passa a ser, a exploração do objeto de estudo do trabalho, o Projeto Rádio Mais da Fundação Hélio Augusto de Souza (Fundhas). Conta-se a respeito do histórico da Fundação e do Projeto. A partir disso, descreve-se na prática como funciona um projeto educ comunicativo, no caso, a Rádio Mais.

Ao falar do projeto da Fundhas cita-se o maior projeto educ comunicativo do Brasil, o Educom.rádio. Para dar destaque, na reportagem as informações relevantes sobre esse projeto serão colocadas dentro de um box.

Seguindo a matéria teremos um inter-título relacionado ao educ comunicador, profissional que exerce educomunicação, explicando qual o papel e o que é exercer essa função.

Em um box destacaremos os dados obtidos com a pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, sobre o perfil do educ comunicador.

Para informar o leitor sobre a prática da educomunicação na sociedade, especialmente na escola, a reportagem terá um inter-título envolvendo esse assunto. Nesta parte Ismar de Oliveira Soares contará e transmitirá para o leitor um pouco do ambiente e das atividades de educomunicação praticadas nas escolas. A Univap TV também terá enfoque na reportagem. O histórico e a importância desse projeto serão transmitidos no texto.

Depoimentos e boxes informativos foram espalhados nas páginas para complementar as informações dos textos principais e para dar “leveza” ao conjunto.

Por se tratar de assunto sério e rico em informações, na Grande Reportagem sobre educomunicação foram utilizados títulos e boxes em cores claras, sem muita variação de tons. As cores, em tons pastéis, e o branco predominante em toda a reportagem transmitem a idéia de seriedade a matéria. A cor predominante é o amarelo por transmitir algo positivo, jovialidade e alegria.

O tamanho escolhido foi 21 x 29,7cm (A4), por ser um tamanho quase que padrão em publicações de revistas.

A diagramação do texto é leve e intercala-se com fotos. Utilizou-se uma ou duas colunas de texto, no máximo, por página para manter a clareza das informações. O corpo do texto foi formatado com a letra serifada Agaramont (corpo 11) em negrito e itálico, por permitir uma leitura fácil e clara. Nos títulos utilizou-se a Myriad Pro (corpo 58).

Buscou-se um visual “clean” e moderno, seguindo as tendências atuais do design, mas sem perder a seriedade que a matéria exige. Devido a isso foram usados recortes retos e arredondados em diversos quadros.

As fotos foram utilizadas de maneira básica ou com recortes para buscar algo diferenciado e seus tamanhos foram baseados de acordo com o conjunto. As legendas foram colocadas na parte inferior da foto.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento que descobrimos o que era Educomunicação, nos interessamos. O fascínio por esse conceito, considerado por nós interessante e que tem caráter beneficiador, fez com que decidíssemos realizar um reportagem sobre Educomunicação para dividir esse conhecimento com educadores e profissionais capacitados .

Para comprovar a nossa hipótese inicial, de que o termo e conceito Educomunicação não eram conhecidos pelos educadores e profissionais capacitados, aplicamos uma pesquisa com os alunos do último ano do Curso Normal Superior, que visa a formação de professores para o Ensino Fundamental e Educação Infantil. A pesquisa comprovou o que pensamos e nos mostrou que esses profissionais/estudantes não conhecem o conceito, porém sentem necessidade em saber. 100% dos entrevistados responderam que gostariam de ler uma reportagem para saber mais sobre o tema.

Com mais de um ano de estudos sobre o tema, foi possível expor de maneira atrativa, por meio da grande reportagem, as principais informações sobre o assunto. Na reportagem apresentamos a definição, depoimentos de educadores, exemplos de projetos em andamento como o da Rádio Mais e UNIVAP TV. As fotografias ilustraram a reportagem, mostrando os espaços de trabalho.

Acredita-se então que a Grande Reportagem, resultado desse estudo, servirá de auxílio a disseminação do conceito a população e com isso contribuir para a aplicação de novos projetos e ampliação dessa nova área de estudo identificada por Ismar e pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP.

VII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida (organizadora). **Gestão de Processos Comunicacionais**. Editora Atlas - São Paulo. S.A. 2002. 179 p.

BODERNAVE, Juan E, Diaz. **O que é comunicação?**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DANTAS , Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac-SP. 1998. 147 p.

DONIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Editora Martins Fontes, 2000. São Paulo. 236 p.

HUERGO, J. **Comunicacion/Educación, âmbitos, practicas y perspectivas**, Buenos Aires, Universidad nacional de la Plata, 1996. 26 p.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**/Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi, - São Paulo: Atlas, 1991. 270 p.

MOREIRA, Fernando. Virtual Educa 2005. TV UNIVAP: **Una experiência de Educomunicacion em la TV universitária del Brasil**

NASCIMENTO, C. P. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em veja e manchete**. São Paulo, 2002. 185 p.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo, 2003. 112 p.

SHAUN, Ângela. **Educomunicação, Reflexões e Princípios**. Rio de Janeiro, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Caminhos da Educomunicação**. – 2ª edição – São Paulo: Editora Salesiana, 2003. Núcleo de Comunicação e Educação NCE – ECA – USP. 87 p.

_____. **From Media Education To Educommunication**. NCE/USP – São Paulo, 2003, 31 p.

_____. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** Editora Cidade Nova – São Paulo, 1996. 79 p.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é Design**. Editora Callis, São Paulo, 1995. 144 p.

BANCO DE DADOS:

Associação Brasileira de TV Universitária ____.Disponível em:

<www.abtu.org.br/>

Acesso: 02 julho 2005

Canteiro de Projetos____.Disponível em:

<<http://www.canteirodeprojetos.org.br/radiomais/projeto.htm>>

Acesso em: 01 nov. 2005

Educom.TV. 20____. Disponível em:

<http://www.educomtv.see.inf.br/topicos/intrega.asp?cod_topico=1>.

Acesso em: 25 março. 2004.

Educom Rádio. 20____.Disponível em:

<[http:// www.educomradio.com.br](http://www.educomradio.com.br)>

Acesso em: 23 nov. 2004.

Fundhas____.Disponível em:

<www.fundhas.org.br>

Acesso: 01 out. 2005

Núcleo de Comunicação e Educação - USP Artigo: Escola e Comunicação: O rádio como instrumento de cidadania Adriana Azevedo. ____.Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>

Acesso: 02 out. 2005

Observatório da Imprensa ____.Disponível em:

<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=294MCH001>>

Acesso: 05 set. 2005

Observatório da Imprensa. 20 ____.Disponível em:

<[http:// www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br) >

Acesso em: 23 nov. 2004.

Portal Gens. 20 ____.Disponível em:

<<http://www.portalgens.com.br>>

Acesso em: 02 fev. 2005.

Reportagem Contextualizada Prof. MS Pedro Celso Campos ____.Disponível em:

<http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/reportagem_contextualizada.htm>

Acesso: 01 out. 2005

Revista Carta Capital ____.Disponível em:

<http://www.cartacapital.com.br/index.php?funcao=exibirSecao&id_secao=13>

Acesso: 05 out. 2005

Unesco Brasil ____.Disponível em:

<www.unesco.org.br>

Acesso: 11 jun. 2005

ANEXOS

OBJETIVO

O projeto destina-se a informar e divulgar para profissionais de educação e profissionais capacitados a exercer educomunicação, o conceito de educomunicação, suas origens, as maneiras de utilização, a sua importância e os projetos em desenvolvimento no Brasil.

HIPÓTESE

A Educomunicação é uma área pouco divulgada pela mídia e desconhecida por alguns educadores.

JUSTIFICATIVA

Sendo Educomunicação um conceito pouco divulgado pela mídia e pelos próprios especialistas da área, foi escolhida a modalidade Grande Reportagem.

"A arte da reportagem é trazer à luz a informação que é notícia – aquela cujas repercussões tendem a alterar a expectativa dos fatos futuros...Vivemos um momento em que a imprensa proporciona uma gigantesca oferta de dados, mas carece de informações; anda atulhada de opiniões, mas raquítica em visão de mundo; lista fatos e mais fatos, mas quase não tem reportagem. A reportagem só é arte (e bom jornalismo) quando foge da indiferença e traz, em sua narrativa, a pretensão de compreender o que se passa" (Eugênio Bucci, 1997 s. pg.)

Por meio da grande reportagem, pretende-se disseminar o conceito Educomunicação e torná-lo conhecido pelos educadores, comunicadores e outros interessados em exercer educomunicação, além da imprensa, visando outras publicações sobre o assunto. "Boas reportagens transformam-se em pauta para os demais jornais e para a televisão." (Campos, 2001 s. pg)

"Boa informação nunca fez mal à sociedade. Mas, para encontrá-la, é preciso muito esforço, persistência, aplicação e criatividade. Ela não se oferece fácil. Pode estar oculta, prosaicamente, num balanço contábil, por exemplo. É preciso desfazer a maquiagem dos números para saber o que ocultam". (Pinto, 1998, p. 125).

A grande reportagem foi escolhida por sua complexidade em narrar os fatos, descrever o papel do educador, apresentar projetos educacionais, a fim de exemplificar ao leitor a real função deste profissional.

“Pode-se fazer a notícia, a coluna ou a crônica sem sair da redação ou do escritório do produtor independente (como está virando moda), usando apenas o telefone, o fax, o computador, a Internet, a biblioteca, os jornais do dia etc. Mas é praticamente impossível produzir uma grande reportagem sem árduo trabalho externo, de rua. Daí vem a riqueza de dados da reportagem. É ela que sustenta o jornalismo, naquilo que ele tem de melhor” (Campos, 2001 s. pg.)

A grande reportagem pode ser publicada em livros, revistas ou suplementos de jornais. Esta grande reportagem sobre a Educação será dividida em partes, como: o conceito, o perfil do educador, atividades educacionais, novas tecnologias, indicações de fontes e entrevista com o prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares.

A maneira de apresentação se dará por meio de *box*, *intertítulos*, *olho*, *fotografias*, em uma linguagem visual atrativa, porém sem exageros que causem poluição visual.

AUTORIZAÇÕES

Data: Fri, 4 Nov 2005 09:42:09 -0200



[Cabeçalho Completo](#)

De: <gt.acultura@fundhas.org.br>



Para: "Fabiana Pupio Silva" <fapupio@univap.br>

Cópia: <equipearte@fundhas.org.br>

Assunto: TCC

[Todos os Anexos](#)

Fabiana, olá, desculpe pela morosidade no retorno de resposta, mas o pedido de vocês estava para deliberação da Diretora da Fundhas e já está aprovado a liberação de documentos da instituição necessários ao TCC.

Analizando seu pedido sugiro que você venha ao Projeto na 3ª feira para colher o depoimento dos idealizadores do Projeto e retirar o material documental da Instituição.

Aguardo retorno.

Fabiana - DAPAE

PESQUISA

1- Você sabe o que é Educomunicação

() sim () não

2- Se sabe, diga o que é.

() Desenvolver atividades em sala de aula com o uso de tecnologias educacionais

() Produzir material educativo

() um novo conceito em desenvolvimento

() outros : _____

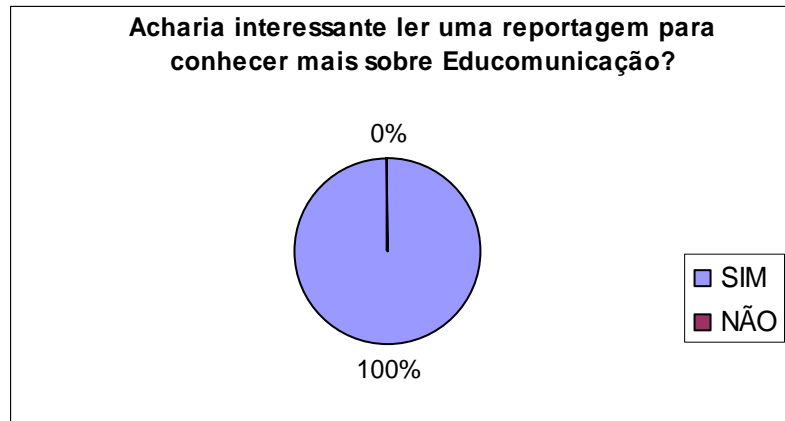
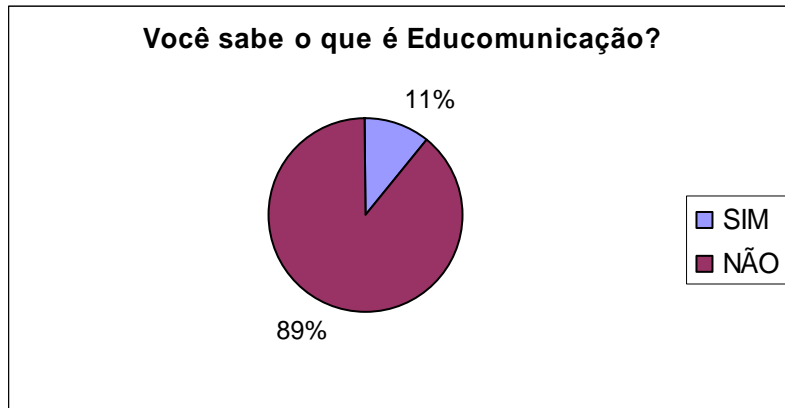
3- Acharia interessante ler uma reportagem para conhecer mais sobre Educomunicação?

() Sim () Não

	Você sabe o que é Edocomunicação?		Se sabe, diga o que é.				Acharia interessante ler uma reportagem?	
	Sim	Não	A	B	C	D	Sim	Não
1		X					X	
2		X					X	
3		X					X	
4		X					X	
5		X					X	
6		X					X	
7		X					X	
8		X					X	
9		X					X	
10		X					X	
11		X					X	
12		X					X	
13		X					X	
14	X		X				X	
15		X					X	
16		X					X	
17	X		X				X	
18	X		X				X	
19		X					X	
20		X					X	
21		X					X	
22		X					X	
23		X					X	
24	X		X				X	
25		X					X	
26		X					X	
27		X					X	
28		X					X	
29		X					X	
30		X					X	
31		X					X	
32		X					X	
33		X					X	
34		X					X	
35		X					X	
36		X					X	
37	X		X				X	
38	X		X				X	
39		X					X	
40		X					X	
41		X					X	
42		X					X	
43		X					X	
44		X					X	
45		X					X	

98		X
99		X
100		X

X	
X	
X	



ENTREVISTAS E TRANSCRIÇÕES

PALESTRA: ISMAR DE OLIVEIRA SOARES

DATA: 28/04/2005

Univap – Auditório da Reitoria

UMA EDUCOMUNICAÇÃO PARA CIDADANIA

Existem muitas dificuldades hoje de se conseguir emprego, de se firmar na profissão, isso nós sabemos. Mas se vocês querem se saber se existe ou não um campo em que as portas estão absolutamente abertas esse campo chama-se Educomunicação. Existe pouca concorrência e existe uma procura que está crescendo.

Do que é que eu estou falando? Estou falando de um processo que nasce na América Latina, nasce no Brasil, nasce no Oeste Americano, nasce na África, nasce na Ásia, ao longo dos últimos 50 anos. No início dos anos 50 começou a existir um fenômeno esse fenômeno se colocava no

Uma moça, doutora em direito, essa moça que é uma juíza, fez uma tese para saber qual era o crime mais recorrente, isto é, o crime que tinha o maior número de vezes registrado em São Paulo. Roubo, assassinato, seqüestro? Não. Isso tudo é fichinha o maior crime que ela constatou foi fazer rádio pirata. Quer dizer, quem monta sua rádio pirata e põe no ar uma rádio proibida é o maior crime que tem no Brasil em número de registro, de perseguição, de se gente presa, de equipamento destruído. Por que será que fazer rádio pirata ou rádio comunitária sem autorização da Anatel é tão perigoso? Por que que a Polícia Federal que tem tanta coisa para fazer, inclusive a questão das drogas e tal. Deixa isso tudo para correr atrás dos piratas? Vocês já imaginaram? Uma radinho mequetrefe pequenininha que atende uma rua é objeto de perseguição de Brasília. A Anatel de Brasília detecta e manda a Polícia Federal ir lá e vã e prendem. Destroem equipamento, algemam o menino que está ali e levam para cadeia. Este é o maior crime registrado. Porque? A mídia e os donos da grande mídia tem um horror terrível, um medo terrível, justamente desta prática alternativa de comunicação alternativa por que isso no futuro vai gerar uma geração de comunicadores. E essa comunicação não pode ser de todo mundo, tem que ser de uma elite, e bem controlada. Se a comunicação olha com esse horror todo, a educação também olha com um certo preconceito, na verdade

Educação só é educação quando houver comunicação – Paulo Freire

Eu estive agora em Mogi da Cruzes, onde o Diário de Suzano fez um grande encontro para 2 mil pessoas, reunimos 34 jornais que no Brasil desenvolvem um programa chamado Jornal na Educação e quando eu cheguei a primeira pergunta que um jornalista fez foi: “Professor eu queria saber se nós somos Educomunicadores, porque ontem houve uma discussão e uns diziam que éramos e outros diziam que não, pois não fizemos o curso de educomunicação, porém eu tinha lido seus artigos no site e eu acho que eu sou. Quando me perguntaram isso eu me lembrei de uma repórter do Canal Futura do Rio de Janeiro que me entrevistou em um congresso e quando ela me fazia pergunta eu respondia e num determinado momento ela parou e disse: “Mas professor, se é

isso eu também sou educadora”. Então vamos inverter, eu vou te entrevistar e fui para o outro lado e ela passou a ser entrevistada. E o que ela dizia era que no Canal Futura existia um plano de trabalho em que uma jovem geração de comunicadores estava colocando a questão da cidadania acima da questão do mercado e estava desenvolvendo um trabalho que traziam 200 jovens adolescentes das favelas do Rio de Janeiro para trabalhar e fazer vídeos com eles e muitos desses trabalhos estavam sendo aproveitados para a televisão.

E eu disse: Parece-me que isto não está acontecendo só aqui, existe centenas de cidades no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos, África do Sul e na Ásia que estão fazendo isso. Isto é, educadores e comunicadores jogando ponte entre si para construção de algo diferenciado. Nessa observação nós resolvemos em 97 ou 99 fazer uma pesquisa da USP e a pesquisa foi em 12 países da América Latina. O que eu queria saber nessa pesquisa era o que pensavam os que coordenavam projetos que aproximavam educação e comunicação. E então eu descobri que, na verdade, os que estavam fazendo isso em países diferentes sem de conhecerem, alguns em línguas diferentes inclusive, quando eles se encontravam tinham o mesmos referências, os mesmos propósitos, a mesma metodologia, eles se reconheciam (...) então eu pensei o seguinte, eu acho que estamos diante de um novo campo e precisava dar um nome e eu resolvi dar um nome chamado Educomunicação.

O que que é Educomunicação? Definição minha, ta bom? A Educomunicação é um campo emergente, olha que eu sou humilde, hein? Emergente que designa o conjunto de ações voltadas para os conceitos e as práticas da comunicação criando ecossistemas comunicativos que tem como grande meta a prática da cidadania.

Educomunicação é o conjunto das ações que aproximam a comunicação da educação voltada a criar ecossistemas comunicativos, cuja grande meta é prática da cidadania. Bom, o que é ecossistema? Ecossistema é o que está acontecendo aqui, alias um ecossistemas muito autoritário, eu falo e você só dizem sim ou não, alguns dão cochilinho, alguns se levantam e saem é um ecossistema, isto é, existe relações de comunicação aqui dentro, no momento uma relação bastante autoritária porque eu falo e vocês me escutam, daqui a pouquinho vamos quebrar isso e formar um ecossistema mais participativo. Porém ecossistemas são as relações de comunicação que se estabelecem em dado ambiente. O ecossistema comunicativo é um conceito tomado da Biologia e temos ecossistemas de mil formas. Nós podemos mudar os processos comunicativos, e é aí que entra a Educomunicação entra para transformar os ecossistemas em espaços de maior densidade de comunicação. Então a minha preocupação não é fazer uma comunicação para os donos dos jornais que querem que eu diga isso “A, B ou C”, é a comunicação que interessa àquela comunidade, ela é feita com o envolvimento daquela comunidade com o uso do mais moderno equipamento que possa existir. Não é para fazer coisa feia e sim de alta qualidade, porém com participação. A Educomunicação chega para ampliar, criar, movimentar e tornar cada vez melhor os ecossistemas comunicativos.

Quando eu digo que a educomunicação é um campo novo emergente, significa que educomunicação não é a educação funcionalista dos anos 50 e não é

educação tradicional, porque tanto a educação tradicional quando a comunicação rejeitam a educomunicação. Essa prática é rejeitada, mas não significa que seja uma prática piegas.

Porém antes do papelzinho, existe um outro cartão. O cartão do educador é um grande sorriso na face, o educador é um cara feliz, alegre, um cara participativo, um cara engajado porque ele está aí para construir. O sorriso é marca do educador. Mas professor sorriso não é ciência, veja bem, para que que existe ciência, para fazer com que nos sintamos melhor e a Educomunicação vem aqui para isso. Eu estou falando aqui de cátedra, nos último cinco anos eu ajudei a formar 17 mil educadores. Você que dar um prêmio eu aceito. Porque quando nós descobrimos em 99 logo em seguida eu fiquei um ano fora do país...

O que acontecia, quando colocava-se o professor junto eles diziam: “Nós vamos dar o conteúdo e você fazem a gravação aí”. Ou então: Nós damos o conteúdo a introdução e vocês fazem a música. As crianças diziam: “Não. Nós queremos discutir tudo. E se houver discordância nós vamos votar”. Nós tínhamos conversado com as crianças que comunicação tem que ser uma comum ação e que tudo tinha que ser feito de forma planejada e democrática. E que se houvesse discordância no grupo tinha que ser votado. O professor vinha na perspectiva de professor, ele sabia, tinha o conteúdo e ele dizia o que tinha que ser e a garotada fazia greve. Houve grupos que colocavam as coisas no chão e cruzavam os braços e deixavam os professores discutirem entre eles. Quando acabava a discussão os alunos diziam: “Bom, vamos fazer agora um projeto educacional” Os professores estranhavam e os nossos mediadores diziam que os mediadores diziam que os alunos tinham razão. O mediador dizia: Na verdade, nós aplicamos aqui a teoria de Paulo Freire que fala de comunicação dialógica. Conclusão da história, se apaixonavam. Os professores, os alunos.

Perguntas:

Basta colocar uma televisão e passar um vídeo em sala de aula para se praticar a Educomunicação?

Não. Quando nós falamos em televisão, existe internacionalmente um conceito que chama *Media Literacy*, que é a leitura da mídia, é um conceito usado nos Estados Unidos, inclusive durante o governo Clinton todos os estados americanos introduziram a tal de *Media Literacy* em seus currículos, na Europa chama-se *Media Education* existe em todos os países da Europa trabalhos nessa área. Aqui no Brasil nós temos na América Latina o conceito de educação para comunicação. Por outro lado, existe também um esforço pelo governo e também pelas escolas de introduzir os recursos da comunicação e especialmente a televisão nas aulas, com o objetivo primeiro de fazer uma leitura crítica e segundo de usar o conteúdo da televisão como ilustração das aulas, aí nós temos práticas de aproximar a comunicação da educação especialmente da televisão. Quando se fala da aproximação da televisão, existem algumas observações, primeiro a observação de leitura da televisão e aí vem muitas pessoas falando que a televisão é de baixa qualidade, que é preciso criar um sistema para educar o receptor.

A outra perspectiva é eu vou dar uma câmera para o meu aluno, vou dar uma ilha de edição e ele vai produzir, ele vai analisar, os colegas vão criticar e a partir dessa discussão eles vão criar um critério para saber o que é certo e o que é errado na televisão. É uma perspectiva construtivista, esta perspectiva é educ comunicativa. Então a simples observação pode ser manifestações de preconceitos que eu tenho ou até uma perspectiva autoritária “eu sei o que é certo e errado e eu proíbo o meu filho de ver, eu sentencio a televisão”, o outro é eu ajudo a comunidade a criar critérios para ela ter segurança de dizer eu quero, não quero, protestar e assim por diante e isso só se faz pela construção. Por isso eu digo, uma boa escola não é aquela que só tem uma boa biblioteca não, é aquela que tem um bom estúdio de rádio e um bom estúdio de televisão e tem um bom laboratório de informática e tudo isso a serviço da produção. Com relação ao conteúdo da televisão usado em sala de aula, ok, a televisão é maravilhosa ela traz muitas informações, no entanto o programa chamado TV Escola tem fracassado, o governo criou uma televisão coloca no ar programas, mais de 7 mil programas foram colocado no ar. No entanto os professores não usam. O professor teria que gravar e levar para a sala de aula e discutir e ele não sabe como fazer. Um educ comunicador estaria colaborando com o professor para que ele desenvolvesse trabalhos com conteúdos interessantes da televisão.

Como a educ comunicação poderia ser aplicada em um veículo impresso?

O impresso é o primeiro. O jornal é um espaço de construção de diálogo e de aprendizado muito importante. Tanto assim que tem grande sucesso os programas chamados jornal na educação e o avanço que se fez foi que os jornais abriram espaço para que educadores tomassem conta do processo. Então existem muitos jornalistas que se unem com os educadores para fazer o trabalho. Porém os melhores projetos são aqueles que no final do processo os adolescentes e as crianças produzem o jornal e o jornal, por exemplo, a Folha de S. Paulo, etc, publicam. E o grande momento de alegria do jornalista é ele estar junto com os jovens repórteres que produziram uma coisa que seu veículo irá distribuir.

Como ser um professor educ comunicador?

O Educ comunicador precisa aprender a ser. É preciso formação? Claro. Inclusive nós tivemos 1.100 pessoas que trabalharam com a gente no projeto Educom.radio em São Paulo essas pessoas aprenderam na prática a ser educ comunicadores. Um processo prático com orientação.

É preciso que as faculdades criem coragem e comecem a desenvolver, é claro que uma faculdade que tenha curso de comunicação e que tenha professores em condições de colaborar.

Sobre os canais de televisão e do tempo de programação que as emissoras tem obrigatoriamente por lei destinar a programas educativos ou comunitários e não são cumpridas. Como pode ser solucionado isso e como entra na educ comunicação?

Eu acho que tem que haver uma vigilância a sociedade local tem observar os canais locais e fazer pesquisas quantitativas e qualitativas sobre o que é considerado material expressamente educativo.

Como entra a comunicação de massa no processo educomunicativo?

A escola foi o último seguimento a adotar a educomunicação o primeiro seguimento foi o movimento social, foram as ONGs. Durante muito tempo era movimento social que fazia comunicação, agora também a escola começou a se interessar. E a mídia? Lógico que a mídia se interessa. Todo movimento de TV Educativa no Brasil tinha como objetivo algo semelhante. A única questão é que educadores e comunicadores nunca se entenderam durante muitos anos, mais de trinta anos ver TV Educativa era a coisa mais chata que tinha. Porque a TV Educativa era aquela coisa de uma câmera e o professor falando. Era horrível e o pessoal desligava. Até que a TV Cultura descobriu o drama e começou a usar a linguagem da comunicação através do castelo Ra-tim-bum e muitas famílias dos anos 90 tiveram que comprar o segundo televisor, o terceiro televisor, para o adolescente que fez a opção pela Cultura. Quando os pais queriam assistir a novela tinham que comprar o seu televisor, porque os filhos queriam assistir o Castelo, O Mundo de Beakman, Glu-glub. Vejam bem, pré-adolescentes e adolescentes fizeram opção pela Cultura e foi uma coisa fantástica, mostrou um processo educomunicativo. Por que? O Castelo Rá-tim-bum tinha 250 pessoas trabalhando nele, eram palhaços, engenheiros, arquitetos, novelistas, psicólogos, educadores e esse grupo inteiro fazia educomunicação. No caso, vamos observar que educomunicativo é também o Sitio do Pica-pau Amarelo. E vamos observar que os veículos de massa tem cumprido o papel sem saber que tinha rótulo, ninguém se declarou educomunicador para fazer isso, alias a educomunicação foi feita observando isso. Por que nós observamos o Cao Hambúrguer fazendo o Castelo Ra-Tim-Bum e coordenando. É por que nós observamos o pessoal fazendo o Globo ciência e alguns outros programas da própria Globo e de outros canais é que nós fomos identificando o que caracterizaria o que é Educomunicação. E a comunicação em feito, a comunicação de massa é contraditória, como é contraditória a sociedade, o mesmo canal que passa programa altamente educomunicativo, passa também programas manipuladores, caberia a população distinguir e fazer as suas opções. É possível ser educomunicador na Globo? É, claro que é, é possível ser na rádio local, no jornal local, na empresa, na escola, é. Um publicitário, um jornalista, um câmera man, pode ser educomunicador. Na verdade educomunicador é o adolescente que está fazendo esses projetos. Claro que eu preciso de um coordenador, eu preciso pagar um coordenador, preciso identificar um perfil para que eu tenha também uma remuneração devida para essa pessoa. Por isso que eu digo que é uma profissão, mas é também uma prática social, além de ser um campo possível de ser profissão.

O senhor tem conhecimento de algum projeto educomunicativo desenvolvido aqui no Vale do Paraíba?

ENTREVISTA ISMAR
Hotel Íbis - SJC
29/04/05

Sobre projeto de educação ambiental:

Eu precisaria ver aqui se a metodologia deles permite uma produção de conhecimento por parte das crianças e da comunidade, ou seja, uma procriação.

Jornalistas criaram a “Associação de Jornalistas Educomunicadores Ambientais”.

Nós entendemos que é necessário que a população comece a se envolver emocionalmente com o processo e comece a produzir também informação. Quer dizer, eles teriam que deixar um rastro para que a comunidade continuasse produzindo informação quando eles saem. A Educomunicação não pode morrer na ação que você promoveu, a ação tem que continuar.

Sobre as Unidades Móveis da Univap:

Deve gerar algum produto de expressão. Porque você ensinar dominar a linguagem do computador Ok, você transmitiu o conhecimento, agora a questão é como fazer desse instrumento um órgão de ação para que eles se expressem, para que eles mostrem seu pensamento, para que eles criem seus blogs, seus sites e que através do site eles multipliquem uma ação. O que está em jogo é uma concepção de mundo que através do qual a sociedade se organiza, quando a sociedade se organiza de uma forma piramidal com o objetivo de sobrevivência e lucro, você nem sempre está prevendo o que você vai fazer com quem não alcança estar nesta pirâmide. Porque no Brasil a pirâmide é feita para 30% da população e os 70% restante fica de fora. Então agora você precisa pensar em inclusão. A Educomunicação vem favorecer essa inclusão. Na medida em que as pessoas saibam se expressar e ao saber se expressar elas vão encontrar caminhos até para mudar essa estrutura. E é por isso que as rádios comunitárias são perseguidas.

A Educomunicação pode ser vista como um método profissionalizante?

Pode. A Educomunicação pode ser uma ação voluntária, pode estar em um ambiente de lazer ou em um ambiente de formação profissional, a metodologia é que vai garantir se é Educomunicação ou não, os resultados. Porém ser intermediada por dinheiro, remuneração ou não é uma circunstância.

A Educomunicação pode ser paga?

Lógico, eu acho que tem que ser pago. Como está na lógica das **orações sociais econômicas** ela teria que se auto-sustentar. Inicialmente, talvez ela vá cair no voluntariado. Pode ser voluntário, pode ser pago. Isso não cria obstáculos para o conceito. E achamos que as ações seriam tão naturalizadas que fariam parte do mercado.

Uma faculdade pode ser considerada um projeto educacional?

Quando existe esse processo de auto-gestão, de definição da meta que é o compromisso com a cidadania, quando existe dentro do processo de gestão o diálogo da própria equipe, o diálogo não só no sentido de respeito de opinião, mas de uma construção conjunta. Isso tudo vai formando um processo que nós achamos sob o ponto de vista da Educomunicação ideal e gostaríamos que todas as escolas fossem assim. É uma prática educacional, mas nessa prática os alunos estão pagando. OK. Existe uma relação comercial de custo benefício. Você prestou um serviço e deve ser remunerado.

Existe algum projeto educacional voltado para a terceira idade?

Nos Estados Unidos os adolescentes se juntam com a terceira idade e fazem projetos sociais em conjunto, um desses projetos é a Educomunicação, não com esse nome, eles chamam de “Media education on citizenship model”, a educação para os meios a partir da perspectiva da cidadania. É o pessoal que leva o vídeo para fazer arte educação com as crianças de rua dos Estados Unidos. Então muitos projetos começaram a desenvolver assim e resgatar especialmente negros e latinos. Os adolescentes se unem aos adultos em projetos sociais em que haja interesses em comum. E a geração da experiência poderá dialogar muito com a geração da informação rápida, é uma geração que não teve tempo e maturidade, mas tem vontade “de”. Se se une a um “boomer” que tem mais experiência os dois podem fazer coisas interessantes pelo caminho.

Existe alguma mobilização para unificar o conceito de Educomunicação mundialmente?

O que existem são redes.

Como seria uma faculdade de Educomunicação?

Ela seria uma faculdade de Educomunicação tendo ponto de referência o exercício desses conceitos todos naturalmente o aluno vai precisar fazer disciplinas de educação, disciplinas de comunicação, disciplinas na área de terceiro setor, algumas disciplinas de antropologia para entender a cultura. É possível montar uma grade que a faculdade já teria 70%. Juntar a educação com comunicação, mas juntar coisas que façam coerência e criar algumas coisas. Criar disciplinas para as áreas que eu chamo de intervenção, a educação para a mídia é uma delas, é uma disciplina que vai trabalhar exatamente com a questão da recepção, a questão da mediação tecnológica, já existe práticas de mediação, mas é preciso trabalhar o conceito, a questão da gestão, como fazer gestão de projetos educacionais na empresa, na escola, numa ONG, em um centro cultural, na igreja. Então existem algumas disciplinas que se criaria para a prática educacional. Mas o pessoal tem ser habilitado no uso da mídia.

Qual a diferença entre Educomunicação e Educomídia?

A diferença mais visível entre esses dois conceitos é o fato de que o Educomídia está sendo trabalhado especialmente pela Universidade Metodista de São Paulo

e se origina de um trabalho que a universidade está fazendo com as tecnologias. No caso, eles pretendem usar adequadamente as tecnologias, eles pretendem difundir as tecnologias no espaço do ensino. E o conceito de Educomunicação que formulado a partir da USP ele tem uma visão de um processual da comunicação abrangendo uma totalidade de áreas que vai desde a recepção crítica até a gestão da comunicação no espaço educativo, passando pela **milhagem** tecnológica e passando pela expressão comunicativa através das artes. Então a Educomunicação se apresenta como um conjunto com certa autonomia conceitual metodológica. Enquanto que a Educomídia está muito vinculada à prática educativa, faz educação usando tecnologia. A Educomunicação ainda que ela possa fazer educação, ainda que ela possa fazer comunicação, ela se apresenta como um corpo conceitual baseada na prática da sociedade civil, das ONGS que ao longo de mais de 50 anos foi construindo uma prática de produção de comunicação, na qual a mídia foi agregada desde que ela servisse para ampliar a expressão da comunidade. Ela não está voltada especificamente para a mídia. Ela está voltada para processos, dentro dos quais a mídia está presente.

Existe uma mobilização do poder público para implementar projetos educacionais?

O poder público pode implementar a educomunicação alocando verbas e orientando determinadas atividades, contratando especialistas, porém tanto o poder público quanto os especialistas vão trabalhar com um professor, e esse professor em um projeto como esse é convidado a planejar sua ação educacional de acordo com a filosofia e a política que a escola tem, depois disso a ação fica por conta dele e tudo vai depender da motivação e como ele se envolveu no próprio processo de aprendizagem que ele teve. O que tem acontecido com o professor que passa por um curso desse é enfrentar a resistência da direção, da coordenação pedagógica ou dos colegas professores que não fizeram o curso. Então existe uma resistência. A resistência do desconhecimento, porque esses diretores ou professores quando vêem que existe um recurso na escola, entendem que ele deve ser usado como tradicionalmente é usado. Por exemplo, uma caixa de som é para transmitir música. Por outro lado uma prática radiofônica numa escola se não é feita de uma forma adequada até atrapalha. É necessário imaginar a hipótese de usar a linguagem radiofônica para produzir documentários em rádio, para fazer programas, novelas ou noticiários e isso ser usado em grupos, em classes ou ser colocado na web, porém esse professor precisaria de uma continuidade de assistência e que em geral os cursos não passam tudo. Daí vem a importância do Educador profissional para que possa continuar alimentando e ajudando na solução de problemas concretos.

Nota fora: No caso do Educomrádio alguns alunos retornam à escola para ensinar os colegas, mas são exceções não é regra.

Que recursos os professores podem ter para aplicar os projetos de Educomunicação sem depender de patrocínio (prefeitura, por exemplo)?

Eu responderia em dois momentos. O primeiro momento é a questão da Educomunicação como política pública e segundo quais as ações alternativas.

Quando falamos de Educomunicação como política pública, estamos falando do poder público que detém possibilidades de definir normas, regras e distribuir recursos, ele entende que a Educomunicação deva ser implementada e ele vai buscar assessoria, fazer convênios ou acordos e alocar recursos para isso. Isso existe? Sim. Nos tivemos um exemplo da prefeitura de São Paulo que contratou um projeto de Educomunicação de três anos e meio, portanto de longa duração para trabalhar com aproximadamente 10 mil pessoas e 455 escolas. Esse poder necessita de clareza do que ele quer e a instituição que está conduzindo o projeto tem que ter também muita clareza da metodologia e ter uma avaliação permanente do processo. Quais são os riscos? É a instabilidade do poder, o poder muda, então nós tivemos quatro secretários de educação no processo e, por isso, tivemos mudanças de equipe. Uma que foi a que contratou o projeto e outra que era oposta a ele. O projeto teve que ter muita solidez e determinação para conviver com o poder público, por que a medida que as pessoas trocam, desconhecem o que as anteriores teriam definido e querem tocar seus próprios projetos, ainda que por pouco tempo. Neste caso, começa a ter atritos e isso pode causar atritos no processo que podem prejudicar ou emperrar completamente o processo. Além disso, existem contingências. Por exemplo, existe uma contingência na aquisição de materiais, o poder público necessita licitar. No nosso caso, por exemplo, de 455 escolas apenas 255 receberam. Então 200 escolas ainda não receberam e nós vamos percebendo que a convivência com o poder público exige uma grande capacidade de gestão, de diálogo e de improvisação. Nós tivemos que improvisar muito, no entanto, as pessoas que participaram do curso estavam tão envolvidas no projeto em si que conviveram com essa falha na esperança que chegasse o equipamento.

Podemos pensar em prefeituras que desenvolvam, elas dispõem de uma verba para educação maior que as outras secretarias tem. São 30% que devem ir para a educação. Um projeto de Educomunicação não necessariamente precisa ser caro. Existe também a possibilidade do setor privado entrar, e poderá se beneficiar com a marca, a responsabilidade social. É possível que com um valor pequeno se consiga levar para as escolas determinados equipamentos e com um valor pequeno também de pró-labore, porque eu acho que o trabalho tem que ser remunerado, é bom que exista o trabalho voluntário para envolver as pessoas nos processos, porém para que você tenha a efetividade do trabalho em si ele deve ser remunerado. Ou através de bolsas, ou pró-labore, mas algo tem que existir.

Sobre o Projeto em Santa Catarina:

Montar laboratório Multimídia (rádio, vídeo, Internet) o mesmo conteúdo nas três mídias simultaneamente.

Era um laboratório multimídia. Nosso projeto era colocar cinco mediadores em cada sede durante doze meses. Os cinco não ficariam o tempo todo, mas sempre teria alguém permanentemente na escola. Os cinco saberiam o que está acontecendo. Um seria especializado na área de informática e Internet, outro na área de vídeo, outro na área de rádio, outro na área de produção de informação e um coordenador. E a comunidade seria convidada a fazer projetos usando as múltiplas linguagens, então o mesmo conteúdo produzido sairia em rádio, vídeo e Internet. O mesmo conteúdo passaria por várias linguagens e trabalharíamos por

projetos. Cada projeto duraria dois meses entre o começo, desenvolvimento e final. Então teríamos três projetos permanentes em cada sede simultaneamente. Os projetos não são somente para alunos, e sim professores e membros da comunidade. No caso, o que queríamos, os três primeiros alunos seriam ajudantes dos três seguintes e iriam multiplicando os projetos. E quando saíssemos teríamos a escola inteira com a Educomunicação presente no processo.

Nota fora: Se alguma universidade começar através de cursos de extensão, especialização ou graduação a trabalhar com o conceito, ele se naturaliza, se há a naturalização do conceito facilitará o trabalho.

Quem é o educador?

O educador é uma alternativa. Pode ser um sociólogo, contando que ele entenda de mídia, que ele conheça educação e comunicação.

Por que programas televisivos como Sítio do Pica-pau Amarelo e Ra-tim-bum são considerados Educomunicação?

Existe a Educomunicação possível o Castelo Ra-tim-bum, por exemplo, se encaixa num projeto de Educomunicação possível num meio massivo. Como há também o Sítio do Pica-pau Amarelo, ele respeita um autor da literatura nacional, trás a partir desse autor a realidade cotidiana de hoje, existe respeito por algumas normas em que a questão das relações entre pessoas e o imaginário infantil é respeitado, eles não fazem aquilo em uma perspectiva mercantil de vender algum tipo de produto como é o caso da Xuxa, onde os programas infantis estão baseados na venda de produtos. Então quando a cidadania é o objeto principal, quando existe um respeito para com a cultura, porque o diálogo se dá aí.

Nota fora: Um jornal pode ter uma atitude educadora, uma universidade por ser tradicional, mas ela pode ter um projeto educador.

Numa empresa é possível existir Educomunicação? (Isso foi perguntado pelo portal do Banco do Brasil – ele diz)

É possível nos espaços em que a empresa admita uma nova teoria da comunicação que é uma comunicação midiática. É uma comunicação que através da qual, você passa a usar os recursos da comunicação e você tem a perspectiva de diálogo social. Em geral a empresa faz isso da sua porta para fora. Em geral ela fala: Vamos trabalhar nessa favela? E contrata até um educador para fazer um trabalho dialógico para fazer um trabalho nessa favela. Mas dentro dos seus muros ela não quer saber disso. Mas existem empresas que se aproximam disso dentro de departamentos, em áreas, claro que sonhar que uma empresa abandone uma vertente funcionalista para tomar uma vertente de mediação cultural é uma revolução tão grande que não está no horizonte de nosso tempo ver isso. Porém é pedagógico para empresa que ela já comece a fazer isso do seu muro para fora. E por que não? Por exemplo, muitas empresas tem um conflito com o meio ambiente, por que destroem, porque poluem, sendo assim elas não querem dialogar com esse meio ambiente para

resolver conflitos e nesse caso você pode ter uma atitude de marketing social ou uma atitude Educomunicação. A preocupação do marketing social é a imagem, ele não está muito preocupado com a coerência do processo.

Data da gravação: 08/11/05

Local: Fundhas – Parque Industrial

Nome: Flávio Eduardo Messias

Função: Instrutor de Rádio

1. Como surgiu a idéia de implantar esse projeto?

O projeto da radio foi pensado há uns 4 anos atrás pelo Rogério, através da educomunicação ele começou a ter acesso a esse tipo de comunicação e ai não foi viabilizado devido a verba, demorou um pouco para ser aprovado o projeto, e ai quando conseguiu a verba foi comprado o equipamento e ai quando foi comprado o equipamento ele precisou ser transferido de unidade, e ai eu sai da área de musica e vim assumir a rádio e ai eu estou praticamente há 2 anos na rádio.

2. Qual foi a data de inauguração da rádio?

A radio começou a funcionar em fevereiro de 2004, mas, na verdade ela foi inaugurada oficialmente em 28 de abril de 2004.

3. Quanto tempo de projeto, planejamento, até a implantação da rádio?

A gente começou a pensar no projeto, elaborar o regimento interno da rádio em novembro de 2003, e ai quando foi em fevereiro a gente começou a implantar e a gente viu que deu certo e ai em abril foi a inauguração da rádio.

4. Em que consiste o projeto? Como vocês trabalham aqui?

O projeto da radio esta inserido dentro do Arte e Educação que trabalha uma metodologia não profissionalizante. A arte não esta aqui para formar profissional na área de rádio. A gente procura trabalhar outros aspectos com eles que seria para eles perderem a vergonha de chegar em uma pessoa, de como falar com uma pessoa, ter educação para pedir para a pessoa conceder uma entrevista para eles, pra eles aprenderem um pouco da dicção, aprender a falar em público, não ter vergonha da sua voz, as vezes tem uns que são muito tímidos e as vezes acabam falando para dentro, não conseguem expressar muito bem, e ter um contato geral de como é a linguagem radiofônica, porque eles ouvem na rádio em casa e as vezes não tem noção do que se passa atrás da rádio. E ai estando aqui eles tem um pouco dessa noção, fazendo a parte da locução, entrevistas, sonoplastia, visitando rádios para ver como é o dia a dia de trabalho.

5. Como é estrutura aqui? Estrutura física e pessoal?

Desde quando a rádio foi implantada já deve ter passado por aqui cerca de 400 adolescentes e hoje, estamos com uma média de uns 100 adolescentes divididos em 6 turmas(3 de manha e 3 a tarde). Essas turmas têm aula de terça e sexta e eles fazem a produção do programa, geralmente faz uma vez por semana, porque eles estão em um processo lento porque estamos fazendo apenas uma aula por semana, esta devagar devido ao tempo que eu estou com eles. Uma aula por semana não dá tempo de produzir muita coisa.

Mas, a rádio no início dela, nós chegamos a funcionar 1 vez por semana e chegamos a fazer 3 programas por semana por adolescentes.

6. Porque vocês caracterizam esse, um projeto de Educomunicação?

O projeto de rádio tem a ver com Educomunicação porque a gente procura mostrar para os adolescentes, através das mídias, no caso o rádio, que é possível se ter uma educação através do rádio. Então a gente junta educação e comunicação para mostrar essas novas mídias que existem por a gente vai levando isso para o lado da educação.


7. Conte sua experiência como educador.

Pra mim esta sendo muito valido, porque eu comecei na Fundhas como professor de música e estou terminando a minha faculdade de música e de repente eu me vi no meio na educomunicação que é uma coisa que ao mesmo esta ligado com musica e ao mesmo tempo não está. E eu achei muito legal porque era uma área que eu não conhecia e estou conhecendo agora, fazendo curso na USP com o prof. Ismar e outros professores também. E a gente esta percebendo que é uma área nova que esta surgindo na educação e que tem tudo para ter seu espaço junto com as outras áreas. Tanto que a gente teve um encontro lá em São Paulo e nesse encontro a gente esteve reunido com outros adolescentes que fazem rádio e outros educadores então foi muito legal, uma troca de experiência muito legal e a gente também tem o conhecimento que a gente esta no caminho certo. O curso é uma capacitação subsidiada pela Rodhia e instituto C&A

8. Como esta sendo o retorno dos alunos?

A participação dos alunos na rádio é muito gratificante porque depois que eles saem daqui e vão para uma outra área da Fundhas a gente percebe o quanto eles dão valor no que eles estavam fazendo aqui, eles vêm falar com a gente, gostariam de continuar, e tem uma aluna, que chama Vilma, acho que ela mora no Dom Pedro, e ela implantou a rádio na escola dela. Ela levou a idéia, a diretora gostou e ai ela acabou junto com outras colegas implantando uma radio dentro da escola.

Entrevista Fabiana – Gestora do Projeto Arte e Educação
(feita por email)

Data: Tue, 8 Nov 2005 18:43:49 -0200 

Cabeçalho Completo

De: "Fabiana Pupio Silva" <fapupio@univap.br>



Para: <gt.acultura@fundhas.org.br>

Assunto: Informações

Olá Fabiana

Envio abaixo a entrevista que eu gostaria que você respondesse a respeito do projeto Arte e Educação da Fundhas para fazer parte de nosso TCC com o tema:
Grande reportagem como auxílio a disseminação do conceito Educomunicação.

- 1- O que é o Projeto Arte e Educação?
- 2- Quais atividades/sub-projetos estão inseridos no Arte e Educação?
- 3 -Como foi a implantação do projeto Rádio +?
- 4- Quais foram as maiores dificuldades ?
- 5- Descreva a experiência de estudar e trabalhar com Educomunicação.
- 6- Qual o retorno dos alunos? Quais os benefícios para a vida desses adolescentes?
- 7- Vocês tem algum projeto de expansão? Novos projetos?

Muito obrigada!!!

Um abraço

Fabiana

Resposta:

O Projeto Arte Educação é um projeto que vem se reformulando na Instituição há tempos, tendo sua consolidação há três anos, onde se buscou aprofundamento metodológico desta área através de capacitação técnica a toda equipe. Em toda sua trajetória na Instituição o Projeto teve diversas nomenclaturas (Artes, Artes e Ofícios, Arte Cultura) e passou por atividades

artesanais com a finalidade de atender a questão profissionalizante ao adolescente. No atual momento o Projeto não tem em seu fim a preparação para o mercado de trabalho, mas subsidiar a ampliação do repertório cultural do adolescente atendido na Instituição e desta forma colaborar com a sua formação pessoal.

O Projeto Arte Educação traz aos adolescentes a possibilidade de ver o mundo através das diversas linguagens (música, dança, teatro, artes plásticas, literatura e mídias – rádio e TV), de poder refletir o contexto vivenciado por eles realizar uma releitura destas questões, mobilizando desta forma as competências essenciais à transformação social (criticidade, iniciativa, autonomia, responsabilidade, respeito às diversidades e valorização dos seus pertencimentos: família, cultura, comunidade, credo...).

O projeto Arte Educação da Instituição vem ampliando sua atuação junto aos adolescentes, principalmente no que se refere a educomunicação, tendência marcante em nossa sociedade, visto a crescente utilização das mídias para a mobilização comunitária e desenvolvimento de lideranças. A velocidade com que as informações se processam em nosso meio precisam ser disponibilizadas aos adolescentes para que eles possam ter um olhar crítico sobre elas, aprendendo a selecioná-las. Precisamos oportunizar aos adolescentes a produção de mídia.

Para que a Instituição possa estar a frente das inovações na área de Arte Educação contamos com constante capacitação de nossa equipe, bem como visitas técnicas junto as instituições atuantes na área, para que também desta forma possamos nos articular numa rede de atendimento que se torne referência aos adolescentes. Dentre estas parcerias podemos ressaltar o Instituto Maria Antônia – USP, Instituto C&A, Educom.rádio – USP; Gotas de Flor com Amor- SP, Novolhar- SP, Curumim – Atibaia...

No 2º semestre de 2005 tivemos a ampliação do Projeto para mais duas regiões do município (Sul e Centro/Leste), tendo agora em nosso Programa não só a Unidade Sede, mas também Unidade Jd. Paulista, Caic Dom Pedro e Unidade Campo dos Alemães, atendendo, contudo aproximadamente 900 adolescentes neste Projeto.

No projeto trabalhamos com a criação de Núcleo de trabalho, cada um deles focando uma área específica (Ex.: Comunicação: atividade rádio). Além da atividade específica temos as atividades de Educacional, Educação Ambiental, Informática, Artes Plásticas, Educação Física e Comunicação, que são contempladas em todos os núcleos.

Na Unidade Sede temos dois núcleos de trabalho: Expressão Corporal, onde o foco é a dança e Comunicação, onde a atividade de Rádio está inserida.

O Projeto Rádio foi idealizado pelo instrutor de Publicidade do Projeto Arte Educação, que através de contato com a USP conheceu o Projeto Educom, e sentiu a necessidade de expandir a metodologia no Arte Educação, pensando a princípio na criação da Rádio interna educativa, onde possibilitaríamos mais um meio de expressão aos adolescentes da Instituição. Na fase de elaboração do Projeto procuramos conhecer outras experiências na área dentro do Estado de São Paulo: “Cala Boca Já Morreu“- SP e Rádio Félix em Potim. O projeto foi escrito e após deliberação da Presidência e Diretoria Especializada o projeto foi aprovado, passando então para a fase de captação de recursos.

No ano de 2004 o projeto foi implantado e a Rádio inaugurada, tivemos então a nossa 1ª turma de adolescentes a passar pelas atividades da Rádio. Tivemos um grande êxito e no semestre seguinte à implantação o número de adolescentes a procura da atividade foi aumentando. Em sua trajetória a Rádio Mais coordenou 03 grandes eventos: 1º Encontro de Rádio Educativas, logo em sua inauguração, o 2º Encontro de Rádios Educativas, Comemoração ao Dia do Rádio e Radialista e o Encontro de Jovens Comunicadores, contando com adolescentes de escolas Municipais, Estaduais, Particulares e ONG'S de S.J.Campos e de outros municípios do Estado que atuam na área educacional.

Os programas realizados são editados pelos próprios adolescentes e vão ao ar no horário de almoço (período da manhã e tarde), para que as duas turmas tenham acesso a programação.

Em todo o processo de implantação a dificuldade que se apresentou foi em relação à captação de recursos e definição dos equipamentos a serem comprados (especificações técnicas), pois a instituição teve grande receptividade para com o projeto e a equipe muito engajamento e determinação para com esta demanda que se apresentava.

Trabalhar com educação é extremamente recompensador, pois você propicia ao adolescente lidar com a mídia, questioná-la e propor novas maneiras de se comunicar, ou seja, cria novos ecossistemas educacionais, segundo Prof. Ismar de Oliveira Soares - USP. Tal prática possibilita preparar adolescentes com responsabilidade ética, compromisso, criticidade e acima de tudo com ação efetiva em sua comunidade. Não dá para desvincular trabalhar com a educação e estudá-la, ambas devem ser agregadas, principalmente porque lidamos com conceitos novos, tanto no campo acadêmico quanto no campo da Instituição Fundhas. Estamos só no início e a idéia é a expansão, por isso estamos em capacitação com o Prof. Ismar de Oliveira Soares – NCE USP, que muito tem contribuído em nossa atuação.

Os adolescentes se empenham muito no trabalho com a comunicação, são protagonistas nesta ação e participam e deliberam em todos os níveis da atividade, desde as reuniões de pauta à edição e veiculação dos programas. Ao longo do percurso da Rádio Mais na Fundhas, que não é muito tempo, percebemos que alguns adolescentes que passaram por ela sempre estão voltando para participar de eventos institucionais e externos, fazendo a cobertura e interagindo nestes eventos. Os benefícios alcançados são vistos todos os dias e se perpetuam pelo resto da vida dos adolescentes atendidos pela instituição e de nós educadores, pois possibilitar a discussão e reflexões do mundo contemporâneo através das linguagens artísticas e das mídias nos torna pertinente e atuante de nossa sociedade na busca de dias muito melhores, porque somos atores desta grande cena.

Temos muitos planos sendo discutidos dentro do Projeto, o primeiro deles é o aprofundamento desta metodologia e a intensificação nos projetos da Instituição. Algumas idealizações estão sendo concretizadas: a equipe de adolescentes educadores, a capacitação técnica e outras estão sendo estudadas: a expansão interna da veiculação dos programas aos demais setores da instituição, a criação de comissão permanente de atuação na Rádio Mais,

incluindo crianças, adolescentes e profissionais dos diversos Programas da Instituição.

ENTREVISTAS FUNDHAS – PARQUE INDUSTRIAL

DATA: 08/11/2005

Entrevista 1: Larissa Fernanda Francisco, 13 anos.

***Aluna**

1- O que você aprende na Fundhas?

Eu aprendo a não ter vergonha de falar com as pessoas, a ajudar os outros, é gostoso estudar na Fundhas. Tem sempre alguém precisando da nossa ajuda e não podemos negar ajuda para ninguém, pois às vezes a gente pode precisar também. Os professores dizem que podemos desabafar com eles ou com os colegas e também ensinam a dar um passo maior na vida.

2- O que você espera quando terminar o curso na Fundhas?

Espero novas oportunidades, pois aqui já dá uma ótima oportunidade, nós aprendemos as coisas básicas para uma profissão e podemos ir para uma empresa.

Porque aqui a gente aprende tantas coisas, gostamos de tantas coisas, não tem nenhuma atividade que eu não goste aqui. Então fico em dúvida no que vou querer fazer, porque tem a atividade do rádio, de artes plásticas, educação física, dança, música, muitas coisas gostosas para fazer.

3- O que você aprendeu na Rádio Mais até agora?

Aprendi a não ter vergonha de falar.

Quando a gente escuta o rádio na nossa casa, não sabemos como eles fazem a vinheta, como colocam a música no ar e aqui a gente aprende a mexer nos equipamentos, vemos como fazer as coisas para colocar uma rádio no ar.

Eu passei pela etapa da locução, nós gravamos nosso programa, que é o Programa Teen e agora estou indo para a parte da entrevista, porque cada semana é em uma parte.

4- Você pretende ser radialista?

Pretendo sim, eu gostei do rádio, da comunicação, achei muito legal!

5- O que mudou na sua vida depois que você entrou na Fundhas?

Mudou bastante coisa, porque eu via as coisas e não sabia como era e aqui eu estou aprendendo como são as coisas de verdade. O rádio por exemplo, eu tinha muita vontade de entrar em uma rádio aprender a mexer e agora eu tenho a oportunidade.

Antes eu chegava da escola e fica em casa só assistindo televisão, não tinha nenhuma ocupação à tarde e agora eu venho aqui e aprendo muitas coisas.

Além disso, antes eu brigava por qualquer motivo e aqui ensinam que temos que ter calma e explicar e não partir para a agressão ou ignorância que vamos conseguir o que queremos.

Informações adicionais:

Ídolo: Michael Jordan e na rádio o J da Transcontinental.

Programa de rádio preferido: Pânico

Preferência Musical: Eclética

Entrevista 2: Maxwel de Souza Ribeiro, 13 anos

***Aluno**

1- O que você aprende na Fundhas?

Na rádio eu faço locução e sonoplastia.

2- Você pretende ser radialista?

Não. Por que eu quero trabalhar em outras coisas e não só rádio.

3- O que mudou na sua vida depois que você entrou na Fundhas?

Ficou melhor porque se eu fico em casa eu não faço nada. Aqui é melhor porque eu estudo, aprendo outras coisas.

4- O que você mais gosta na Fundhas?

Jogar bola, informática e rádio. Agora, segunda-feira que tem educação física eu acordo alegre para vir.

Informações adicionais:

Ídolo: Ronaldinho Gaúcho

Entrevista 3: Robson Moreira dos Santos Filho, 13 anos.

***Aluno**

1- O que você aprende na Fundhas?

Eu aprendo muitas coisas, desenhar, locução de rádio, vídeo, entre outras. Na rádio aprendi locução, agora estou fazendo a parte de gravação (entrevistas) e depois que terminar vou para a parte de sonoplastia.

2- É você quem produz os programas?

Sim.

3- Você tem total liberdade para isso? Como funciona?

Sim, no dia da aula o professor explica o que foi dado na aula anterior para ver se lembramos o que ele ensinou. Como eu sou da gravação ele me manda entrevistar as pessoas igual você está fazendo agora.

Nós temos que escolher o tema. Quando estávamos na parte de locução, nós tínhamos que criar um slogan do nosso programa, escolhia as músicas, fofoca, essas coisas que tem em uma rádio.

4- O que você quer fazer quando terminar o curso na Fundhas?

Eu quero ser jogador de futebol ou entrar no curso de mecânica que a Fundhas oferece.

5- O que mudou na sua vida depois que você entrou na Fundhas?

Muitas coisas, porque quando eu não estava na Fundhas, quando chegava da escola eu ficava na rua, brigava com os outros e quando eu entrei aqui tenho mais responsabilidades. Na minha casa melhorou, porque agora que eu não fico mais parei de brigar com as minhas irmãs. Além disso estou me alimentando mais, porque eu ficava o dia todo na rua e aqui eu tenho horário para comer.

Informações adicionais:

Ídolo: Gil (jogador de futebol)

Se pudesse fazer qualquer coisa pelo mundo eu....acabaria com a guerra, com a fome, com essas coisa que fazem mal para o mundo, desmatar a natureza, por exemplo é uma coisa muito ruim que os homens estão fazendo.

Entrevista 4: Rogério Christóvão

***Educador e idealizador da Rádio Mais e do Projeto Radioteca**

1- Como você teve contato com a Educomunicação?

Nós conhecemos a primeira turma do educom, o projeto do Ismar em São Paulo e é legal, eles tem essa coisa de tentar unir as duas áreas educação e comunicação, democratizar, porque um dos princípios da educomunicação é democratização da comunicação. E percebemos que fica uma coisa um pouco técnica, como é que opera o equipamento, como é que eu faço uma entrevista, como é que eu produzo uma matéria, essa coisa da comunicação tentando direcionar para uma forma educativa. E a Fundhas tem uma formação de “Arte e Educação” antes de ter a formação de educação e faz um diferencial isso, na hora de produzir e lidar com as atividades, porque entra a arte também não fica só a técnica da comunicação.

2- Você e o Flávio são os idealizadores da Rádio Mais. Como surgiu essa idéia?

Eu fiz Publicidade, então partiu da idéia de trabalhar publicidade na fundação, então sugiu a idéia de fazer rádio, um pouco por conta do vídeo, mas o vídeo é mais complicado, o equipamento é mais caro. Então surgiu a possibilidade do rádio, mas eu ainda não sabia que existia a Educomunicação, o Ismar e tal. Nós começamos discutir a possibilidade, por conta da compra do equipamento especificamente, pois não dava para trabalhar sem. Ai eu tive contato com o projeto do Ismar. Uma pessoa me deu o jornal do Educomunicador, liguei para lá, fui visitar, tentei entrar no projeto para participar, mas não passei na seleção. Levou dois anos para conseguir montar a rádio, porque tínhamos a idéia de montar um tipo de sistema de som, colocar uma caixa e um microfone e dizer que era rádio, mas eu achava que deveria ser maior, não poderia começar de qualquer jeito. Porque a fundação é grande, tem uma verba grande e eu achava que deveria começar já como uma rádio mesmo. Compramos os equipamentos, a maioria chegou de uma vez só e aí fui transferido da unidade e ficou o Flávio. Fui para o Parque da Cidade onde comecei a trabalhar a parte de vídeo. Eu já trabalhava com vídeo aqui na sede, nós conseguimos uma câmera aqui mesmo da fundação, uma câmera antiga e começamos a fazer algumas experiências enquanto não chegava o equipamento de rádio.

3- Você acha que a Rádio Mais é a “menina dos olhos” da Fundhas?

A rádio atrai muita atenção. Para fundação é bom, porque aparece na mídia. É um projeto muito respeitado, ele nunca vai acabar, porque é um projeto que deu certo. As pessoas acreditam, o presidente acredita, ele gostaria que fosse uma rádio comunitária. Os adolescentes também gostam muito e isso é muito importante, pois se eles não gostarem o negócio não vai para frente, fica sem sentido, é só um monte equipamento e não faz sentido para ninguém.

4- Qual é o seu trabalho na Fundhas do Parque?

Eu já estou saindo de lá também. Talvez eu volte para cá. Agora vai voltar o vídeo para cá. Antes nós fazíamos gravação de filmes que era mais um trabalho psicológico, pois eles tinham liberdade de criar as histórias, então saiam histórias de violência, assalto, tráfico de drogas, etc. Que eram assuntos que eram muito discutidos, mas eles não tinham a possibilidade de expressar e de experimentar também. Aquela coisa do jovem será que é legal ter uma arma na mão, por na cara de uma pessoa, roubá-la, tem um pouco de curiosidade, qual a sensação que dá isso.

5- Mas você não acha que isso pode incentivar a violência?

Tem esse ponto de vista que você está ensinando, mas também você está tirando a curiosidade. Ele experimentou com uma arma que não é uma arma e sim um cabo de vassoura. Ele experimentou a sensação de ser um bandido, mas ele não é um bandido, ele não precisou pegar uma arma de verdade para ameaçar alguém de verdade. Ele foi um ator e ele viu aquilo depois gravado e achou legal, achou engraçado e fez uma discussão interna. Você tira, desmistifica um pouco isso. Estou te falando de coisas percebidas na prática.

Tem um filme que é um “hit” aqui, que é o do “Ratão”, que começou assim: Eu vou matar! Quero ser o bandido! A coisa foi melhorando, levou uns três meses, gravamos várias vezes, criando um cenário, eles foram criando tudo. O interessante é que a historia foi mudando e no final o bandido que estava se dando bem se dá mal, é preso, perde tudo e é aquela coisa se fosse for mal se dá mal.

6- Como foi a cobertura do evento “África-Brasil” em São Paulo?

Foi um câmera. É sempre assim, tem um câmera, geralmente um garoto que gosta e escolhemos uma menina que faz a repórter e funciona muito bem, flui muito bem. Basta dar alguns toques básicos, cinco minutos de técnica.

7- Como você se sente como educador poder fazer parte um projeto como este que muda a vida de tantos adolescentes?

Isso é uma coisa da Fundação, de trabalhar os limites, o relacionamento, no todo a fundação trabalha isso nas atividades. No específico da educomunicação é essa coisa da experiência, de poder experimentar. O ultimo evento que fomos cobrir foi, se não me engano, o Selo Amigo da Fundhas o Mundo da Criança, e só

tenham empresários. E a experiência de estar ali entrevistando empresários é muito boa.

Fizemos também visitas ao bairro. Você vai ao bairro que ele mora ou o grupo e os que não são do grupo vão também. Fazemos entrevistas com moradores, mostra o bairro e depois passa para todo mundo. E é muito legal, tem uma valorização da comunidade só por ter feito a visita, por ter um vídeo feito na comunidade onde eles moram, muda a visão do próprio bairro.

Você falou da mudança dos meninos, mas a gente muda muito quando temos contato com eles, essa coisa da troca, comunicação. Não somos apenas nós passando as coisas para eles, eles ensinam as coisas para gente. Até mesmo como lidar. Como é que você lida com adolescente de periferia que usa droga, que já foi preso, que é agressivo? Ele é que vai te ensinar. Você muda como ser humano.

8- E o projeto da Rhodia, como começou?

O Instituto **Baytiba** que já fazia um trabalho lá há três anos, tinha alguns trabalhos com família lá. E a comunidade pedia para fazer algum trabalho com os adolescentes que não tinha lá. O tráfico também existe e tinha esse medo não ter opção, não ter o que fazer e o que está mais fácil e mais interessante é o tráfico. Então surgiu a parceria com o Instituto C&A para financiar, o dinheiro que é importante para comprar equipamentos. Então montamos esse projeto que chama Radioteca. Porque o instituto queria alguma coisa voltada para a leitura e tinha essa possibilidade para trabalhar com rádio também. O projeto foi desenvolvido para ser uma rádio que trabalha leitura também.

Nós percebemos que com os equipamentos que estávamos comprando poderíamos fazer uma coisa maior. Compramos o DVD para tocar o CD, mas ele serve também para passar filme e compramos também uma TV, e serve para fazer sessão de cinema. E neste espaço também permitiu criar uma brinquedoteca. E na verdade virou uma associação comunitária ou cultural do bairro. Temos também a possibilidade de fazer um jornalzinho para a comunidade.

9- Quais dias tem atividades na comunidade?

A Rádio terças, quintas e sábados e a cada quinze dias a sessão de cinema para a comunidade.

10- Como funciona a rádio?

Trabalhamos como fazer um roteiro, vinheta, as questões técnicas. Agora os alunos descobriram algum talento, tem alguns que gostam de coisa cômica e fazem programas de só coisas engraçadas, outros que gostam de fazer programa sertanejo, para falar caipira, falar que é da roça. Mas cada começou a se direcionar e montar grupos. Mas é muito novo, tem três meses.

11- Existe alguma outra linguagem que você esteja trabalhando lá?

Agora chegou a câmera fotográfica que já é uma outra linguagem, não a parte técnica, mais a parte de expressão. Eles se vêem na foto e se sentem diferentes,

aprendem a se conhecer. Outro dia tinha uma mãe da comunidade e ela olhando as fotos do portfólio que montamos com as fotos da comunidade disse: "Nossa olhando assim nas fotos até que o Torrão é bonito". A pessoa passa a ter um outro olhar para si próprio, um outro olhar para o bairro que mora, para as pessoas do bairro. Porque a foto permite isso através do enquadramento.

12- Como que está sendo para você a experiência como educador?

A minha experiência com adolescentes vem antes dessa coisa da Educomunicação. Eu acho legal o termo e a teoria. Mas a teoria pela teoria eu ficava com o Arte e Educação que trabalha coisas muito legais também. Mas para os adolescentes é muito bom, eles gostam muito, e é mais importante que a teoria. O Ismar é legal, ele está preocupado com uma coisa maior de implantar isso em nível nacional, de se tornar uma política pública. Mas olhando aqui no dia a dia o importante é que o adolescente tenha algum progresso que ele chegue no final do semestre tenha alguma mudança, que ele tenha um relacionamento melhor com as pessoas. Coisas menores, o micro. Se se preocupar só com a grande Educomunicação, ou a grande Arte e Educação, por que as coisas são feitas de pessoas. Se eu for lá na rádio agora é um monte de equipamento, não é nada. Sem adolescente não tem graça nenhuma. Se eu colocar adolescentes lá dentro e eles fizerem uma rádio igualzinha a Stéreo Vale, não faz sentido nenhum. A teoria é legal, mas só para fundamentar.

13- O que você espera do projeto Radioteca?

Já tem acontecido coisas em pouco tempo. Participamos da cobertura do África-Brasil, as meninas participaram, e isso é notável em pouco tempo. Eu espero que ele se torne conhecido porque trás recursos, ajuda a manter. Mas eu não acredito em projetos muito grandes porque a coisa se perde um pouco, perde essa coisa do humano. Política Publica todos iguais, vamos atender o máximo possível com esse dinheiro que a gente tem e fica distante. Uma super estrutura e um super equipamento mas as pessoas não tem acesso, aí perde até a historia da Educomunicação, da democratização. Acho que os projetos menores estão mais próximos da comunidade.

14- Quantas pessoas vocês atendem hoje?

Tem vinte adolescentes inscritos. E as crianças ficam jogando pedra na porta porque querem participar.

15- Tem alguma atividade para crianças?

Tem a Brinquedoteca, que são grupos de adolescentes que cuidam delas enquanto brincam com brinquedos como se fosse uma creche. Mas estamos iniciando um projeto educativo com as crianças para, por exemplo, falar de higiene pessoal em forma de teatrinho.

16- Existe mais alguma atividade para a comunidade?

Tem projetos com as famílias, com as mães, estão fazendo uma colcha de retalhos e já temos três encomendas.

Informações adicionais:

Tempo do projeto: 3 meses

Idade para participar da rádio: 12 anos

*Filme do Ratão

DEPOIMENTOS FUNDHAS – PARQUE INDUSTRIAL

DATA: 11/10/2005

Natália Alvez, 12 anos

(Projeto Ritmos e Rimas)

“Eu aprendi muitas coisas sobre a música...descobri muitas coisas que eu não sabia, como poemas, poemas em forma de desenhos.”

Roger Ribeiro Santos, 14 anos

(Projeto Ritmos e Rimas)

“Melhorou mais, melhorou meu comportamento em casa. Antes eu saía e voltava 2 -3 horas da manhã e não avisava minha mãe. Na Fundhas eu aprendi a ter educação.”

Ermelinda Maria Ribeiro Dias, 13 anos

Estuda há três anos na Fundhas

(Projeto Ritmos e Rimas)

“Mudou meu comportamento, eu vivia na rua. Aqui eu aprendi a respeitar as pessoas e a me comportar, além de aprender a jogar futebol, vôlei e basquete.

Letícia da Costa Ramos, 14 anos

(Rádio Mais)

“A rádio me ajudou a perder a timidez”

Jéssica Gonçalves, 13 anos

(Rádio Mais)

“Agora eu consigo me comunicar melhor com as pessoas. Antes eu tinha vergonha”.

Paola de Souza, 14 anos

(Rádio Mais)

“Acho legal porque a gente está apresentando e aprendendo comunicação”.

Entrevista: Fernando José Garcia Moreira
Diretor do Núcleo de Novas Tecnologias – UNIVAP
Data da gravação: 10/11/05
Local: UNIVAP TV

1. Fale um pouco sobre o projeto da UNIVAP TV e porque ele é um projeto educacional

O projeto da UNIVAP TV tem essa característica de educação a partir da hora que eu conversei com o professor Ismar e comecei a perceber que a questão de entregar a produção e todo o levantamento e todo o trabalho de realização das notícias, dos programas, dos documentários na mão dos alunos e que isso também era uma forma de fazer com que essa comunidade interna nossa, no caso os alunos, que isso estava gerando, fazendo uma transformação com os alunos, e também fazendo uma transformação com a comunidade, com a comunidade externa, porque muitos desses trabalhos são desenvolvidos ligados a organizações não governamentais, entidades filantrópicas então isso acabou gerando uma nova forma de comunicação e que os próprios alunos desenvolveram essa forma. Eles tiveram a liberdade, dentro da TV trazer as pautas, propor as pautas, serem orientados a desenvolver esses trabalhos, fazer esses trabalhos, realizar os trabalhos, e devolver isso para a própria comunidade. Então essas entidades que nos procuram, esses trabalhos que são interessantes, que devem ser mostrados para a própria comunidade, devolvidos ou divulgados para a própria comunidade são feitos, são produzidos pelos alunos.

2. Qual o apoio que a UNIVAP TV oferece aos alunos?

Primeiro, liberdade, depois o suporte técnico/operacional, e depois o apoio, se o aluno quiser, um apoio para finalizar o material no formato adequado, eu acho que esse é o principal, na verdade nós servimos de suporte, a pauta é produzida por ele. E o resultado final nós colocamos sempre a questão: ele vai responder. Claro que a gente está por traz para ajudar.

3. E quando eles terminam o estágio, vocês dão algum encaminhamento para o mercado de trabalho?

Antes de terminar o estágio, nós já estamos tentando colocar esse aluno no mercado de trabalho. Toda oportunidade que aparece, nós estamos colocando esse aluno em contato com o mercado e apresentando nossos melhores alunos para produtoras, emissoras de televisão e dando também carta de recomendação

Entrevista: Cecília Polycarpo Cebalho
Aluna 3° ano de Jornalismo
1 ano e 3 meses de estágio na TV
Data: 09/11/05
Local: Estúdio UNIVAP TV

1. Você veio de outra faculdade e logo procurou o estágio da TV

Eu sabia que a Univap tinha uma televisão, um estúdio de televisão muito bom eu ouvi falar, as minhas colegas, assim que eu cheguei já falaram do estágio da Univap TV que elas produziam programas, que elas tinham oportunidade de editar, de fazer um monte de coisas, daí como eu ia ficar parada aqui daí eu resolvi tentar o estágio aqui na Univap TV.

2. E o que você está achando?

Então, é muito legal, eu já fiz documentários, eu apresento um programa ao vivo toda quarta feira, e essa experiência de ao vivo é uma das coisas que mais vale para mim, porque é aquela pressão, você lidar com o inesperado, programa ao vivo você nunca sabe o que vai acontecer, você tem que ter um jogo de cintura, aprender técnicas de entrevista para televisão, postura, dicção, tudo isso foi o que eu mais aprendi. Em relação aos documentários, essa parte de pesquisa é muito importante, você fazer uma pré-produção, você ir a fundo a um assunto, aprender a montar um espelho direitinho, amarrar as sonoras., toda essa experiência eu tive aqui na TV.

Entrevista: Maria Juliana Costa Lobo
Aluna 3° ano de Jornalismo
3 anos de estágio na TV
Data: 09/11/05
Local: Estúdio UNIVAP TV

1. O que você acha dessa oportunidade de estagiar aqui na TV?

Eu acho que aqui a gente aprende bastante, ter convivência com a prática desde cedo, essa oportunidade que a faculdade dá para a gente, é muito importante a gente conhecer a rotina do nosso trabalho em TV, poucos lugares oferecem isso para a gente aqui é uma oportunidade legal, eu aprendi bastante coisa.

2. E como é sua experiência aqui? Conte um pouco sobre as coisas que você aprendeu, os programas que desenvolveu.

A maioria dos programas eu escolhi o tema, tirando os programas que a gente faz sobre a universidade, sobre os cursos, a maioria eu que escolhi, eu fiz uns 8 ou 9 programas, documentários, bastante pesquisa, fiz sobre a revolução de 32 e eu aprendi muita coisa pesquisando na internet, em livros, em conversas com historiadores, fiz bastante coisa social, de terapias alternativas com

pessoas deficientes, os temas que eu escolhi foram temas que me agradassem que eu sentisse vontade e gostasse muito de fazer.

3. E o que fez você procurar o estágio?

A primeira vez que eu tentei o estágio eu não consegui que foi no 1º semestre da faculdade, no 1º ano, no 2º semestre eu consegui estagiar aqui. O que me fez procurar foi ter mesmo a convivência com a prática da minha área. No início eu queria muito fazer jornalismo impresso só que ainda não tinha oportunidade de estagiar nessa área por estar no 1º ano, já que a faculdade possibilitava isso para a gente, de estagiar aqui na TV UNIVAP foi aí que eu procurei, e é um bichinho né, picou, contaminou e você fica com vontade de fazer isso para o resto da sua vida, contamina mesmo, então foi por isso que eu procurei, para ter experiência na minha área, para ter alguma coisa no currículo na minha área.

Entrevista: Jorge Silva

Repórter Cinematográfico

Começou na profissão em: 1969 – TV CULTURA

Data da gravação: 10/11/05

Local: UNIVAP TV

4. Como é o seu trabalho com os alunos?

É muito gratificante porque a gente pega a experiência prática e começa a misturar com as experiências teóricas que os alunos aprendem na sala de aula. E com essa interação eu aprendo muito com isso. Às vezes aprendo mais do que eles.

Entrevista por Pautas

Entrevista com o jornalista Sérgio Seabra que participou como mediador do grupo Paulo Freire, em um dos principais programas de educação desenvolvidos pela USP juntamente com a Prefeitura de São Paulo. Este projeto, intitulado de EducomRádio foi desenvolvido pelo jornalista durante o 2º semestre de 2004, em cinco escolas municipais de São Paulo, com a coordenação de Ismar de Oliveira Soares.

1- O que é o projeto e quais são as atividades desenvolvidas?

Neste projeto pretendemos desenvolver a cooperação entre os alunos e professores, desenvolvendo atividades em que o veículo de comunicação usado seja o rádio. Com este meio pudemos desenvolver diversos trabalhos de comunicação, principalmente de cunho informativo (assuntos relacionados à própria escola, ex: o cardápio da merenda), quanto de cunho educativo (professores contavam histórias pela rádio) e de cunho midiático (desenvolvendo estudo e criatividade para criar uma programação adequada à escola).

2- Professores das escolas e a Educomunicação;

Em nenhuma das escolas encontramos professores que sabiam do conceito de educação.

3- Qual foi a reação dos profissionais de educação?;

Poucos já haviam trabalhado com algum tipo de mídia, (uma minoria chegou a trabalhar com o jornal impresso), percebemos então que o conhecimento nessa

área era tão nulo que muitos tiveram dificuldades na hora de aceitar essa nova proposta de trabalho.

4- Como os alunos reagiram?;

Ao contrário dos professores, os alunos se encantaram com o projeto. Estes se deslumbraram com a idéia da rádio e posteriormente, com a idéia de produção própria. Foi possível perceber que, principalmente, os "bagunceiros" se destacam dos demais pela criatividade e pelo trabalho político de participação (gestão participativa) em que "todos" da sociedade escolar participam (pais, alunos, professores e comunidade).

Silene A G Lourenço

1-) Você já participou de algum projeto ou curso de Educomunicação?

Sim

2-) Se já participou, como foi essa experiência?

Fui articuladora do Projeto educom.rádio (NCE-ECA-USP) e sou tutora do estado de MS no Projeto educomradio.centro-oeste (NCE-ECA-USP). Trata-se de experiências no campo da intersecção entre comunicação e educação com o objetivo de quebrar o monopólio dos meios de comunicação de massa, democratizar o direito à informação e criar ecossistemas comunicativos em espaços educativos.

3-) Como conheceu a Educomunicação?

Através do Prof. Ismar de Oliveira Soares (ECA-USP).

4-) Qual a sua avaliação a respeito da área (Educomunicação) no Brasil?

Trata-se de uma área em formação, com perspectivas de crescimento e sistematização acadêmica.